



0

ALABAMA



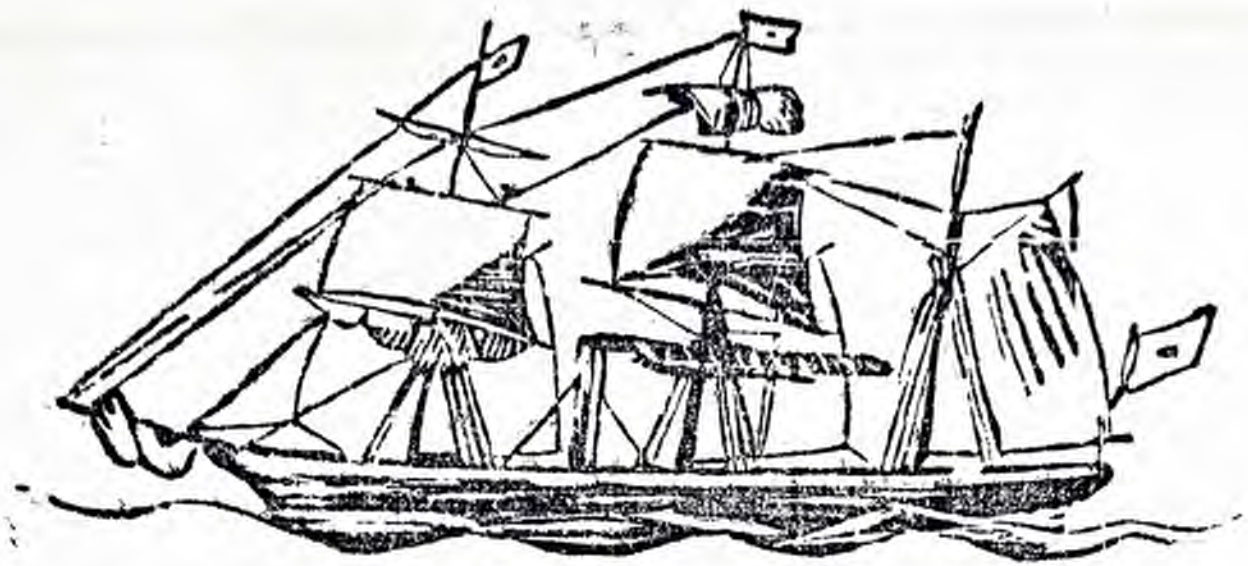
1869

A

1870



I.C.H.V.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 18

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 números, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

3 DE MARÇO DE 1869.

N. 476.

O ALABAMA.

Hoje que os governos monopolizam as recompensas do merito, hoje que o governo é tudo, e o *ministerio é o estado*, o cidadão benemerito, o patriota dedicado, quasi sempre, si não morre comendo o pão da charidade publica, arrasta pelo menos uma vida de privações, muita vez trabalhando com o unico braço, que as ballas respeitaram, para sustentar numerosa familia.

O povo, eminentemente generoso; o povo, de cujo seio sahem esses bravos, tem um unico meio, um unico recurso para esbofetear esses governos ingratos,—esse meio, esse recurso é entregar a defeza dos interesses da cidade áquelle mesmo que illustrouse na defeza dos interesses da patria.

O marechal Argollo, o bahiano intrepido, o bravo por excellencia, la volta do sul ferido, coberto de cicatrizes—recebidas em defeza da bandeira nacional, o povo, os seus compatriotas apresentam-no candidato á deputação geral, querendo assim elovar nos seus hombros, como outr'ora os francos faziam aos seus heroes, a nossa primeira espada, o triumphador do Chaco, o terror dos paraguayos.

E porque se oppoem os conservadores á eleição do marechal visconde de Itaparica?

Nem ao menos pode esse partido politico guerrear como adversario nas ideias e, por tanto, o calculo mesquinho, a personalidade

ridicula são a unica razão de ser d'essa opposição anti-patriotica.

O marechal Argollo é conservador, não é candidato de partido algum, por que é o candidato da patria, da gratidão e do reconhecimento do povo e contra esses sentimentos—ouçam-nos bem os illustrados membros do corpo eleitoral—não podem prevalecer as conveniencias pessoases!...

Comparem-se os serviços dos outros candidatos com os do valente militar—pezem-se na balança da opinião publica dos ou quatro discursos futéis, que nada produziram em beneficio do paiz, e depois as batalhas, os combates, os assaltos, e a honra nacional vingada por entre o troar dos canhões, o sibillar das ballas e o retinir dos ferros sanguinolentos...

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
2 de março de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que tome em consideração um ajuntamento de moleques, que ha todas as tardes no adro de S. Pedro dos clerigos. os quaes, capitaneados por um Florencio, escravo do pedreiro Benvindo, atropellam a quem passa com vaias e pedradas.

Espera-se do reconhecido zelo de S. S. pelo serviço publico uma medida correctiva para semelhante falta de respeito.

—Então vae a missa conservadora?

—Oh! ja ha rito conservador para se celebrar missa?

—A missa que os artistas conservadores mandam dizer, homem.

—Quando é?

—Domingo, no Bomfim, em *tenção* do Marquez de Caxias.

—Ah! Hade ser um pagode de estouro.

Eu hei de apparecer; mesmo que quero conhecer quem são os conservadores artistas desta terra.

—As badernas, no sabbado á noite, estiveram *quentes!*

—A noite era propria.

—Em quanto a policia dormia, os estabados velavam.

—E faziam das suas.

—Que duvida!

Um grupo de *estrocengados*, deu um *bênifício* na porta da creoula Maria Athanzia, á rua do Bispo, e arrancaram-lhe a grade da porta.

—Alli perto do destacamento?

—Quasi defronte, tres casas de differença; e a guarda parece que estava surda e o sentinella cego!

—Mais os pobre soldados sustentam-se em dormir; não lhes pagam o soldo; andam mortos á fome.

—Na rua do Paço, pozeram as vidraças da casa do cidadão José Maria em migalhas.

—En'um caso destes é que, as vezes, acontece muita cousa.

Esses capadocios andam sempre armados; um homem, assim ultrajado, perde a prudencia, sahe para a rua e o resultado é uma desgraça a lamentar.

—No Maciel de Baixo pintaram *Simão* na porta de uma creoula chamada Rosa das Vellas.

Nem só maltrataram a mulher, como commodaram a vizinhança.

—A policia não tem força, não pode fazer nada.

—E' uma desculpa banal!

Si ella ao menos tivesse tres ou quatro agentes bons, no outro dia podia saber os nomes dos turbulentos e fiscal-os um a um.

—Como vae aquelle homem lavado em sangue! O que seria?

—Questões de jogo, no becco do Jogo.

—Nas Mercêz?

—Sim.

O Antonio Cabocolinho, guarda nacional de S. Pedro, teve uma duvida com elle e quasi tira-lhe o tempo da cabeça.

—A policia não quer estender sua accção até as casas de jogo, por isso hade se dar destes casos.

—O ferido chama-se Erano; vae agora para o hospital militar para ser tratado.

—E o Cabocolinho, voce'?

—Ha que seculos!

—Homem, vejo dizer certas cousas a respeito do theatro.

—Que vae pessimamente?

—Justo.

—A empreza entregue á mãos inhabeis e que nenhuma confiança inspiram?

—E' verdade.

—Os verdadeiros artistas excluidos, em quanto uma porção de gralhas coaxam no decadente palco, massando o respeitavel publico com quatro e seis beneficios annuaes?

—Isso mesmo.

—A arte dramatica, outr'ora tão florescente na Bahia, em progressivo decrescimento pela especulação de meia duzia, que se apatrocinaam com a indifferença do governo?

—Tal qual!

—E' penal! mais não ha remedio.

—Si eu fallasse com o chefe de policia lhe diria—Sr. Dr., atire para fora do templo de Thatta esses phariseus. E' tempo de quaresma e Deus e a população lhe levarão em conta tão util medida.

—Hoje até os sermões de quaresma são o signal dos *rendez-vous de amor*. Ha sugelinhos que desejariam elles eternamente.

—E' supposição sua. Quem vae ao sermão vae constricto com Deus.

—O Sr. foi á Misericordia domingo?

—Não.

—Ahl Por'isso.

—Já sei que viu alguma cousa?

—De certo.

—Então diga.

—Nada mais, nada menos do que isto:

Uma jovem, encantadoramente loura, de olhos languidos e que tem a arte de dar-se uns ares de innocencia dos mais naturaes, trocava uns olhares com certo mancebo que se achava á sua direita, apesar de um pouco mais distante estar seu marido com grande attenção a escutar o sermão. Não sei si foi hallucinação de minha parte, porque ambos pareciam orar, mas eu julgo haver sorprendido uns trocados de olhos, e uns apertos de mãos no borburrinho da sabida, que me fizeram presentir uma certa intelligencia entre elles.

—E vão ver que cega confiança não tem

esse pobre esposo na exterior virtude de sua cara metade!

—Hontem reuniu-se o collegio eleitoral, que tem de eleger os dous deputados da capital, em sessão preparatoria.

—E' verdade: E o Lima Brubosa entornou o caldo.

—Como?

—Ora está! V. veio dar a noticia ignorando os pormenores.

Quando chamavam os eleitores do Pilar, para elegerem o presidente da meza, o maldicto maluco emprenhou a urna com uma lista.

—Ficou nulla, portanto a eleição.

—Pelo contrario, bem valida.

—E então?

—Um dos mezariós remexeu, procurou... procurou e tirou uma lista dizendo—é esta!

—E' direito... naquelle sanctuario do voto livre, ha tanta homogeneidade, tanta uniformidade no pensar que a primeira vista se reconhece quem não é do gremio.

Á PEDIDO

•—Pague meu dinheiro, ladrão!

Hoje não te largo, gallego, ou tu me pagas o meu trabalho, ou vamos juntos para a casa de correcção.»

—Que é aquillo, Sr. Guimarães?

—Aquelle sujeito mandou o pobre artista que vae fallando fazer-lhe uma obra em sua loja, e agora não quer pagar-lhe.

—Quem é elle?

—E' um barbaças que tem loja no *corpó sanctificado*.

—Um que vende barato.

—E' este mesmo. Antes não fosse tão *barateiro*, e pagasse o suor de quem trabalha.

—Eu só sei dizer que assim é que se enriquece depressa.

—E' verdade. Ainda outro dia saltou aqui esse gallego com uma grosseira caixa de pinho, e ja hoje é negociante.

—Não sabe como se fazem estes milágres?

—Moeda falsa!... moeda falsa!...!!!

CONVERSA DO MARINHEIRO E O SOLDADO.

M.—Camarada, o que ha de novo?

S.—O que ha de novo, é que o velho tem dado o cavacão com a nossa conversa, e conta-me que elle nos quer responder.

M.—Elle que venha, que eu estou prompto á ouvir-g.

S.—E eu tambem, porque então lhe con-

tarei uma historia de uma certa *arara* furadeira de parede.

M.—Que *arara* é essa?

S.—E' uma *arara* chamada *beija a mim* do matto dos *Vallasques*. Em algum tempo ja houve uma destas no Maciel de Cima, parede e meia ao conselheiro J. F. A.

M.—Ja sei que a tal historia não é boa.

S.—Assim parece.

M.—Porem, conte-me.

S.—Pergunte a elle como foi, e si elle não contar, então em outra occasião lhe contarei.

M.—V. só tinha isto para dizer?

S.—Não; temos uma citação que o velho ha poucos dias mandou fazer pelo official Albino.

M.—Qual foi?

S.—Para que a moça em 24 horas pagasse duzentos mil reis.

M.—Ainda elle quer dinheiro, sem ostras-tes irem á praça? Estou vendo que o tal velho constituiu-se herdeiro da pobre moça.

S.—Isto não é ser herdeiro, é outra cousa que eu ca sei.

M.—Serão uns papeis com que sempre a noite o encontro na venda, parecendo um meirinho, com uma casaca de rabo de curió, e um chapéu de sol quebrado debaixo do braço?

—Não parece um empregado publico!

S.—Aquelles papeis que V. vê são todos tendentes á *paixonada*.

M.—E a noite tambem elle cita?

S.—Não, vaé mostrar a sua malvadeza.

M.—Ora me deixe com semelhante velho sem pejo.

S.—E' preciso dizer-lhe que não se esqueça da divida do finado major Bastos.

—E' uma miseria esta companhia de vehiculos!

Os cavallós estão morrendo á fome.

—E chegam até a cahirem de cançados.

Na segunda-feira ia um enterro para a Quinta e os carros pararam mais de quatro vezes no caminho.

—Eu vi isto! Ora, eram os tirantes que arrebentavam; ora, eram os cavallos que metiam os pés por dentro das correias, e por fim foi um cavallo do carro mortuario que cahiu exausto de forças, gastando os boleiros mais de meia hora para levantarem o *phthysico* animal.

—Ora borra para esta companhia.

—Amigo Sabino, sabes de uma cousa?

—Dize lá tu, que eu não advinho...

—Vou deitar *Mademoiselle Triangulo* no Alabama.

—*Mademoiselle Triangulo!* que diabo de nome é esse? é russo, hebreu ou chaldaico?

—Homem o nome não sei; mas a dona descende de uma guiné.

E' tua vizinha do lado esquerdo, a minha *vis à vis* do n. 10.

—Mas que mal te fez essa infeliz?

—Sabe mais da minha vida, que o reverendo com quem me confessasse hoje pela manhã; e não contente com saber, anda difamando a mim e a outras pessoas, só para dar que fazer a sua lingua de vibora.

—Bom! vamos adiante.

—Ella com umas negrinhas, suas eguaes, cortam-me na pelle que é um nunca acabar.

E porque? porque eu não quiz namoral-a —que gata! essa ex-namorada ao H. N. que vingou-se do sacrificio horrivel de fazer-lhe a côrte filando os pratos em que ella mandou-lhe o ultimo presente.

—Bom moleque!

—Bom? Pois hei de ainda ser melhor. Juro que toda a sua vida esse mono, essa cara de ran de pau podre, ha de lembrar-se de mim! Até logo.

PARA O HM. E EXM. SR. PRESIDENTE LER, E PROVIDENCIAR A RESPEITO.

Sr. Redactor.—Continuando ainda o reprovado procedimento do Sr. capitão Fortunato Pereira Gallo, na comarca de Ilheus, pedimos-lhe que transcreva no seu conceituado jornal o que a seu respeito temos provas.

Ilheus 26 de fevereiro de 1869.

Veritas.

AO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA.

Pergunta-se si pode ser conservado no batalhão n. 81 da guarda nacional da comarca de Ilheus o capitão Fortunato Pereira Gallo, eliminado do jury por ebrio, além de pezar sobre elle muitos factos de grande alcance, como seja um assassinato na villa de S. Francisco, de que, segundo a voz publica, elle foi o autor; e cujo processo dizem ainda existir. Muito recommendamos este Sr. capitão ao Sr. Dr. chefe de policia.

O sentinella.

(Do *Diario da Bahia* de 17 de maio de 1864.)

(*Jornal da Bahia.*)

—Capitão, V. Ex. hoje não pode accusar-me de frouxidão.

Fiz uma boa colheita.

—Veremos.

—Aqui trago um typo excepcional de ladroeira, um cartaz da tratantice, um painel da faleatrua, um retabulo do cynismo.

—Que rolha!

—O nomo deste milhafre é uma perfeita antithese de sua identidade. Chama-se *Manuel Preguiça*, quando é mais ligeiro que uma lebre para o surripio e mais astuto que a raposa na sagacidade.

Sua vida é um mexido de aventuras que fazem honra ao mais fino e subtil empalmador.

Gallego de origem, como V. Ex. vê, é alto e tem bom costado para a taca do muxingueiro, e as espessas suissas, especie de piassava, que lhe povoam a estanhada chocolateira, podem muito bem ser arrancadas a tenaz e aproveitadas em cordas de amarrar bocas de saccos d'assucar.

Este gallego era um miseravel, pobre como Job; entretanto em menos de dous annos enriqueceu!

Fez uma viagem á Europa e quando para la partiu, ja deixou nos estabelecimentos 10:000\$ rs.

Dez contos de reis, capitão, ganhos em dous annos, em uma taverna ao *Caes do Ouro*, a qual, tendo de ir a praça, foi balanceada e linha em generos o valor de 600\$ rs!

Mas quer V. Ex. saber como elle os ganhou? eu lhe contarei ao depois.

Voltando da Europa, não quiz mais taverna; deitou uma quitandola. Nesse cubiculo tem amontoado uma fortuna espantosa.

A' quitanda de *Manoel Preguiça* era bem assentada o nome de *tasca do assalto*.

—Diga a razão.

—Aporta em *Latronopolis* qualquer navio; os marinheiros esbarram alli; entram bons e com dinheiro; la o vinho e mais alguma cousa os embebeda a ponto de adormecerem, quando acordam, estão despojados do que levaram.

Mas isso nada val em comparação ao mais que *Manuel Preguiça* tem feito para accumular tanto dinheiro, uma fortuna de 70 a 80 contos.

Preste-me V. Ex. attenção, e ficará estupefacto de ouvir quanta patraucha, quanto roubo, quanta malicia tem este alarve praticado.

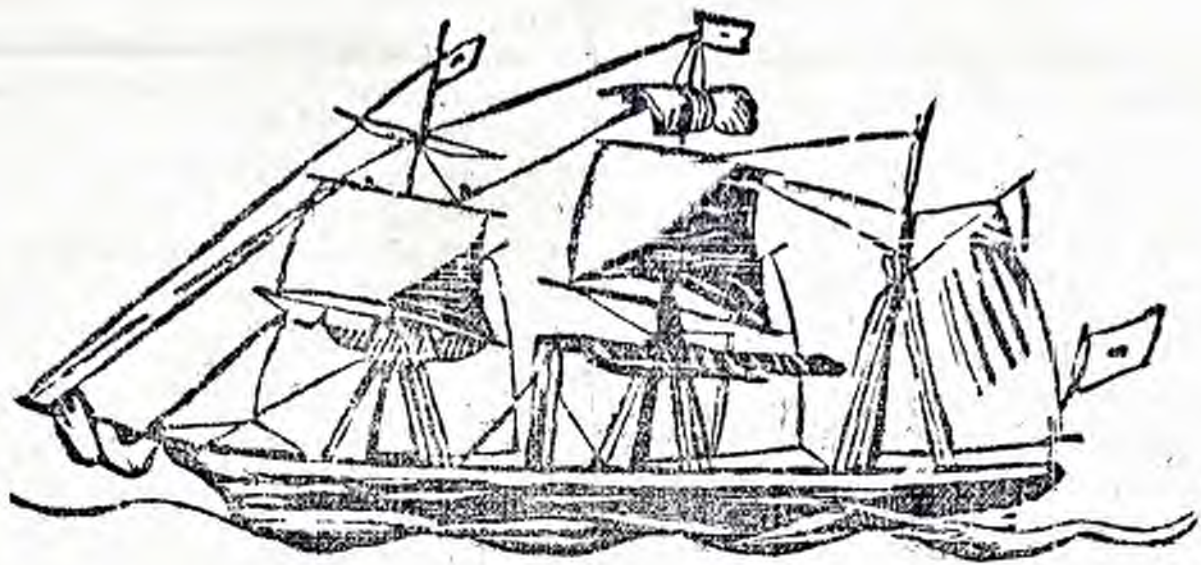
(*Continua.*)

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as 10.^a e 11.^a folhas do **ROCAMBOLE.**

ANNUNCIOS.

Quem quizer uma senhora viuva, capaz para serviço de casa, ou para zelar meninos, procure na ladeira da Misericordia n. 8:



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Serie 48.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

16 DE MARÇO DE 1869.

N. 477.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
5 de março de 1869.

Portaria ao aspirante-pedestre João de Deus, ordenando-lhe que passe a verificar a procedencia de 10 a 12 toneladas de carvão de pedra que existem em certa roça, cobertas com esteiras velhas, debaixo de uma *amoreira*, ao pé de uma *rocha*. Cumpra.

—Ao fiscal de Brotas, ordenando-lhe que se dirija ao Acupe, e passe a verificar si uma casa que se está ali edificando, fora do alinhamento, é com licença da camara, e não sendo, passe a impôr a competente multa ao proprietario. No caso de não querer ir á pé, pode montar no cavallo do fiscal geral, a quem tomará emprestado. Cumpra.

—Lê-se na *Opinião Liberal*:

«GRADAÇÃO DE ESTIMA.—O Sr. D. Pedro II visitou em *pessoa* ao visconde de Itaparica, mandou escrever ao visconde de Inhaúma e ao marquez de Caxias nem visitou nem mandou escrever.

«Entretanto todos tres chegaram doentes e o ultimo era general em chefe!»

—Encontrou-se terça-feira arrojado as praias do Pilar, junto ao trapiche do Fragoso, um preto morto.

—Precipitou-se de um sótão da 1.^a Prensa, cahiu sobre a ponte e rolou para o mar, é o que dizem.

—Que motivo teria elle para isso, meu Deus?

—Era louco. Estava preso!

—Tambem é grande indiscripção!

—Conservar-se um doudo em um sótão preso.

—São destes factos, que a policia não perde nada, tornando-se minuciosa.

—Ora não vale a pena. Duas palhetadas e meia decide o negocio.

O medico observa o cadaver, declara que a morte foi por effeito de asphyxia e o corpo de delicto está completo.

—E muitas vezes.....

—Apre!

Tintura de cantharida, digitalis, scilla, uma onça de cada uma, repetida tres vezes, e

Poção atrophica de Magendie, repetida uma vez, pelo exorbitante preço de 8\$ rs.!!!

—O freguez é bom, vamos a elle.

—Assim tambem não, safá!

—Não imponha preço na fazenda alheia.

—Nem tambem queira enriquecer a vapor.

—Ante-hontem, quarta-feira, a população desta cidade via estupefacta dous homens fardados de uniforme de policia, algemados, no meio de uma escolta!

—Que mal fizeram aquelles homens, que horrendo crime commetteram?

—Disseram-me que eram guardas de policia desertores.

—So por isso!

—Chamam-se Paulo José de Souza e José Celestino. Vieram accorrentados e algemados da cidade dos Lençoes.

Dizem que estes dous desgraçados foram victimas de martyrios corporaes, que nada deixam a invejar ás torturas da inquisição.

Um delles, consta, está quasi cego, em consequencia de uma certa untura que lhe applicaram nos olhos.

—E' muito canibalismo!

—O alferes José Giraldes de Aragão que os conduziu, está preso.

—E não deve ficar nisto. E' preciso punir os transgressores da lei, é preciso verificar os motivos que tiveram aquelles infelizes para desertar.

Sejam punidos pela falta que commetteram, mas tambem seja punido quem exorbitou de seus deveres; quem praticou barbaridades.

—Mas si os homens se apresentaram espontaneamente fiados no indulto imperial, que perdoava a deserção simples?

—Anda mais essa! alem da crueldade, uma infamia, uma quebra da promessa imperial!

—Camboatá é que suja agua; alma ruim é que faz visagem.

Veja quem havia de insultar ao conego Rodrigo; na tribuna sagrada!

—Rebutalhos de conservadores, gente de encher numero, eleitores que antes de entrar para a egreja, estavam na venda do Francisco matando o bicho.

—Que gente desenfreada! Nem a casa de Deus respeitaram!

—Quando o desacato vae até o templo, mal anda a cousa.

—Insensatos, esqueceram-se do lugar aonde estavam e somente se lembraram do desejo servil de prestar serviços a quem so se lembra delles nas occasiões de trepar.

—Estupidos, dão uma interpretação odiosa ás palavras do orador sagrado e convertem o Templo do Senhor em lupanar!

—Mas coitados! é preciso perdoar aos obtusos, elles obraram maquinaalmente.

—E' hoje o beneficio da insigne actriz A. J. de Macedo.

—O que leva ella á scena?

—A *Nova Castro*, *Laço de Fitas* e depois seguir-se-ha a estréa do artista pernambucano—Antonio Monteiro Vianna, que executará na sua maravilhosa clarinetta uma fantazia

sobre motivo da opera *Somnambula*, por Ernesto Cavallini.

A actriz espera a protecção do respeitavel publico bahiano.

—E hade tel-a, porque os bahianos nunca recusaram coadjuvar á todos aquelles que recorrem a elles.

LA VAE VERSO

A mulher desde o principio
Para o homem se formou;
Foi para as noites de frio
Capote que Deus mandou.

Ja o nesso pae Adão,
Por achar que era preciso,
Requereu mulher a Dens
P'ra viver no paraíso.

Passavam lá mui contente,
Sem bailes, dansas de pés,
Faziam suas funcções
Com beijos e cafunés.

Em vez de terem sorvetes,
Queimadinhos em papeis,
Tinham da fertil natura
Bellas uvas moscateis.

Em vez de ouvir contradansas
E instrumentos assoprados,
Ouviam dos passarinhos
Ternos e doces trinados.

Nem um; nem outro aprendeu
Latim; francez; allemão,
Fallavam só entre si
Linguagem do coração.

Não eram então precisos
Recibos e nem clarezas,
Andava a riqueza, o ouro
Tudo por baixo das mezas.

E si accaso urgente fosse
Contar de uma especie nova,
Eva de cor calculava,
Adão lhe tirava a prova.

E assim nunca entre elles
Houve demanda ou contenda,
Não precisavam ministros
Nem de casas de fazenda.

Mas deixemos em tal caso
Adão que ja está rançoso,
Fallemos do casamento
Que é pratinho saboroso.

O pae de familia hoarado
E que tem circumspecção,
Quando entra em qualquer parte
Merece graduação.

Não conta este regosijo
Mesquinho e nescio solteiro,

Acaba comsigo mesmo
Qual torcida em candieiro.

So almas ferozes, brutas,
Insensiveis, sem ternura,
Podem negar que o consorcio
Não produz grande doçura.

Bem sei que mulheres ha
Que ninguem pode com ellas;
Mas' essas, que vão p'ra rua
Suciar com-as cadellas.

E' a mulher e o homem
A rolha e o garrafão,
Que quando a rolha não serve
Culpa é della, delle não.

Casamento de afeição
E' bello e suave estado,
Dá mais sustancia que um caldo,
E' mais doce que o mellado.

Dirão que o solteiro pode
Mil recreios desfructar,
Mas a fonte d'onde emanam
Tem peijo de declarar.

Quasi sempre está trahido
De phantastica illusão,
Não tem garantia alguma,
Que lhe affirme a duração.

Quando se julga seguro
Para mais e mais gozar,
Supporta cruel ciúme
Vendo outro em seu logar.

O solteiro inda de idade,
Por mais serio enganador,
Os paes de-familia o julgam
Astuto especulador.

Os prazeres clandestinos
Não adopta quem tem sizo,
So trazem desgostos, raiva,
Molestias e prejuizos.

Entretanto que o casado,
Se encontra adversidade,
Tem sempre a seu favor
As leis da sociedade.

Quando o homem vem da rua,
De zangas apouquentado,
Desfructa junto da bella
As delicias do agrado.

O paé de familia morre,
Porém morre consolado
Com seus filhinhos a roda
Sinceramente chorado.

Á PEDIDO

E' preciso ter grande ousadia, ou muito cynismo para se ousar vir ante a opinião pu-

blica contradizer factos que estão na consciencia de todos!

Maria Salomé, foi publica e atrozmente espancada pelas creoulas Iguez, Euphrasia e Lucrecia, e estaria talvez hoje no outro mundo a não serem a pericia, desvello e charidade do Sr. conselheiro Dr. Magalhães.

Pelo corpo de delicto e exame de sanidade verificou-se que a infeliz Salomé estava gravemente offendida.

Sua vida correu perigo por mais de 20 dias, e dous mezes foram poucos para convalescer.

Entretanto, ha quem tenha o incrível arrojo de apresentar-se na imprensa contradizendo a fé do respeitavel facultativo e a verdade do corpo de delicto!

Mas contradizer como? Com palavras banaes e sem provas.

O chamado processo que se fez, mandou em paz as delinquentes. Para honra porem da magistratura bahiana, o Sr. Dr. juiz de direito da 1.^a vara reformou o despacho de pronuncia. Aqui d'el-rei!

Os protectores das criminosas assanharam-se e por fias e por nefas procuram obter a reforma desse respeitavel despacho.

Mas enganam-se. Para isso procuram colorir o facto com cores menos carregadas.

O integerrimo juiz, porém, acostumado a só olhar para a lei, confirmará a sua luminosa sentença e o crime não zombará da acção da justiça.

Isto confia. A verdade.

—Venha cá, Sr. devasso!

—Com quem fallá?

—E' com V. mesmo, Sr. capetão.

—Prompto, que ordena?

—Contas da sua velha biographia.

—Não me conhece? não sabe que sou capitão da guarda cidadão e que na comarca das *ilhas pequenas* sou uma das primeiras pessoas?

—Sei de tudo isso e por tal motivo é que quero lhe chamar á contas dos seus feitos.

—Não devo nada.

—Alto lá, diga-me o seu nome.

—Chamo-me *Afortunado*; habito em baixo de um pé de *Pereira* onde não canta o gallo.

—E' isso mesmo; seu estado, idade, profissão, e filiação?

—Filho de paes incognitos; profissão de arnanjo, idade de 40 á 45 annos, estado amasiado.

—Adiante mais algum parente, que possue ou pessoa a quem tenha feito sua pilhagem.

—Tenho uma *roseira*, e da pilhagem um *macaco*.

- Vire folha.
 —Mau vae o negocio.
 —Não se assuste, meu descarado, que temos obra grande.
 —Pessimo.
 —Chegue aos primeiros pontos.
 —Prompto em respondel-os.
 —E' capitão da guarda cidadan por falta de homens; e talvez que em seus commandados, o tambor que é o peor cargo, seja seu superior, ao contrario estava, com o ferro no pé.
 —Não me insulte.
 —Infame! ouzas fallar em insulto! Tu que és o insulto da sociedade e que vives em continuadas bebedeiras, e ladroeiras? Quero conta d'aquelles cinco escravos que tronxestes, da D. Roseira Galinho, para o pagamento do Macaco nesta cidade.
 —Meu querido, capitão isto é falso.
 —Oh! ja sou teu querido capitão? Não foi no hiate *Antonio Santo* que tú e elles vieram.
 —Misericordia, estou perdido.
 —Agora estaes enganado vamos a resposta.
 —Sr. capitão, tenho lhe respondido, porem me dispense por hoje de responder-lhe a isso.
 —Faço-te a vontade. Muxingueiro, pega n'este devasso, e o prende com dois machos aos pés até a minha segunda ordem.
 —Caminhe sô capitão do canto, ande sô larapio.

(Continúa.)

- Oh! *bella jardineira*, como tem passado?
 —Aqui socada na rua das *filhas do rei*.
 —Então que novidade traz por ahi?
 —Apenas uma.
 —Vá dizendo.
 —Ha um hotel aqui, cujo caixeiro é um labrego de nome Manuel, o qual comprou uma occasião um sacco de farinha em mão de um pobre homem que negocia neste genero, por nove mil réis; mas quando teve de pagar embirrou o labrego, e não quiz dar sinão sete mil réis.
 —Porem o homem foi bôbo, eu no caso d'elle empregava os meios judiciais.
 —Não ha meios judiciais nesta terra, onde a justiça é movida pelo dinheiro.
 Mas não ficou ahi a cousa, ainda foi mais adiante.
 Passado tempos, o negociante de farinhas chegou de fora, e sabe o gallego que elle tinha trazido excellentes farinhas, mandou-o chamar e propôz-lhe a compra de dous saccos, convencionando em pagar-lhe cada um por nove mil e quinhentos réis, mas depois de ter gasto um e já principiado a gastar o

outro, foi o homem cobrar o seu dinheiro, e teve em resposta do maroto que não lhe pagava sinão por sete mil e quinhentos.

O homem resolveu a levar o sacco que elle principiou a bolir, e pediu o dinheiro do outro que o tratante gallego havia gasto; mas este disse que não pagava sinão aquillo que elle quizesse, e não estivesse com muitas articulações, sinão o havia correr a caete pelas escadas do hotel.

—Que desaforo de maroto!

Agora o sujeito fez mal em ter-se fiado no maroto, quando já tinha sido victima de um logro.

—O homem, coitado, queria vender seu genero e então julgou que o Vasconcellos já sabia da ladroeira do maroto e que o tinha reprehendido.

—E elle porque não conta o que lhe succedeu ao capitão do *Alabama*, afim de ver si mette o *gallegorum* no porão do navio de machos aos pés?

—Eu vou aconselhal-o para fazer isso.

—Então, charo Estevão, estás chispando? Compras roubos e não queres que se falle! O que dizes sobre aquelles tres saccos de assucar agazalhados na quarta feira?

Não andes a dar por paus e por pedras, minha azemola, a querer saber quem te põe a calva á mostra, pois não o conseguirás.

Na rua dos *Tacheiros* és o bodegueiro madrugador. As tres horas ja estás de tasca aberta, á espera da colheita.

E o *Alexandresinho* que compra os gamados, gosta bem disso.

Continúa, continúa, meu rapina, que no dia em que menos esperares serás filado, e muita gente terá o gosto de ver esse cavaignac de bode, chamuscado á facho de agua raz.

A visinhança.

—A redacção dos *Defunctos* declara que mudou-se para a rua da *Independencia*.

—Ha contrastes bem caprichosos nesta vida!

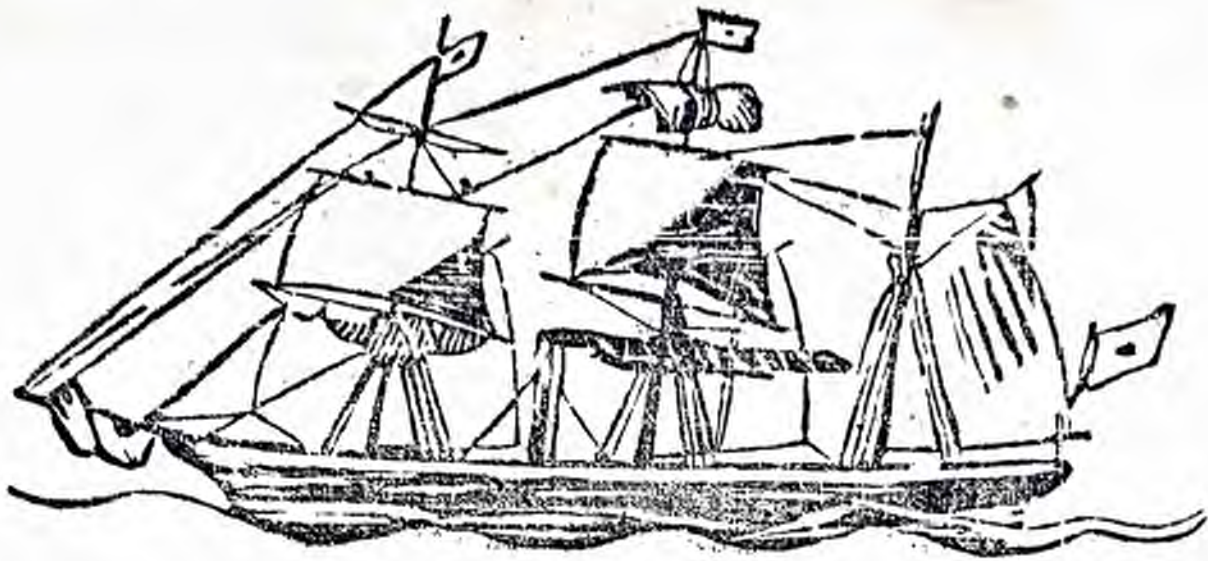
DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 12.^a folha do *RO-CAMBOLE*.

ANNUNCIOS.

A rua do Bom-Gosto da Calçada, n.^o 7, se dirá quem compra prata, ouro, e tambem dá dinheiro sobre hypothecas de qualquer especie.

José Antonio de Souza Severo.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 48.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

9 DE MARÇO DE 1869.

N. 478.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
8 de março de 1869.

Officio á Illma. camara municipal, fazendo-lhe ver o pessimo estado em que se acha a rua do Areial de Baixo, na qual ha um sem numero de brocas e buracos, onde quem transita leva de continuo a esbarrar-se em risco de ir de ventas ao chão. Espera-se que a Illma. se resolverá a dar mostras de si.

—Ao Illm. Sr. Dr. juiz de capella, participando-lhe que communicam-nos que a meza da devoção do Senhor do Bomfim pretende vender á sociedade portugueza Deseseis de Setembro uma porção de terreno, em que se acham edificadas duas casas pertencentes ao mesmo Senhor.

Parece que a dita meza não pode realisar semelhante venda, segundo a verba testamentaria do doador dessas casas. Convem pois que S. S. fique de sobre-aviso afim de que semelhante venda não se effectue, pois consta que essa sociedade emprega esforços para tal compra, porque quer aformosear o seu hospital, com grave prejuizo do Senhor do Bomfim; tudo isso é devido, avançando-se, a querer o thesoureiro servir a amigos seus. Em vista pois do que acima fica dito, espera-se de S. S. providencias.

—Com mil diabos! Como pode viver um pobre nesta terra!

Compro quatro libras de carne, e o cortador safa-me logo tres quartas! Ora ajunte-se a isso a porção de ossos que elle arruma, e veja-se o que fica para tanta gente, como eu tenho, comer.

—Assim é melhor do que na estrada.

—Olhe o Sr. que todos os cortadores roubam no pezo, mas como este não.

—Quem é elle?

—O do talho 62.

—Onde é?

—Na Soledade.

—Mas é tão longe!

E o fiscal não ha de estar a se estafar.

—Mesmo que estou que, embora elle lá fosse, a sorte dos pacientes compradores não melhoraria.

—Capitão, certas cousas so vistas.

—Que ditas não se acreditam.

—E' verdade.

—Mas então que viu por ahi V. que lhe causou tanto espanto?

—Pois ha de crer V. Ex. que nesta cidade ja ha logares calçados com ossos e caveiras de gente?

—Suma-se, que não estou para aturar pêtas.

—Capitão, eu vi! O adro da igreja de Santo Antonio da Mouraria está calçado de ossos e caveiras.

—Valha me Deus, com semelhante gente! Rapaz, em algum tempo enterrou-se cada- veres da parte de fora do templo. Com as escavações que tem se feito apparecem agora os ossos.

—Mas então é uma profanação, um desrespeito, deixarem ali tantos restos humanos expostos ao tempo.

—Isso agora é outra cousa.

—Vamos de mal a peor!

As familias não são somente encommo- das pela assuada deshonesta dos capadócios, são tambem desrespeitadas e assustadas no lar domestico.

—Diga isso ao Sr. Dr. chefe de policia.

—No sabbado á noite, uma malta, que andava batendo pelas portas, zuniu tremenda pedrada, para o quarto de dormir do Sr. Teixeira de Freitas, á rua do Bacalhau, a qual esmigalhou as vidraças e foi cahir perto da cama.

Por um triz o homem não é victima da malevolencia de tão desastrada gente.

—Mas isso é que se chama perversidade! Não se contentam da algazarra que fazem, vão ainda perturbar o repouso das familias, com risco de causar-lhes graves prejuizos!

—Eu não sei a policia porque não obriga essa gente que vaga á noite sem destino, a recolher-se.

—Mas como? Neste paiz de liberdade?

—Liberdade mal entendida para umas cousas e para outras tanta arbitrariedade.

—Sabe de mais uma?

—Diga V. agora.

—Outro barulho no arsenal de guerra.

—Que diabo! A gente daquella casa anda com o demo no costado!

Uma repartição publica onde deve haver ordem e respeito feito uma casa de espadanchins!

—O mestre da musica andou com as mãos pelo chão com um discipulo.

—Luda mais essa! Uma insubordinação.

—O discipulo, que é um tal *Pastor* desobedeceu ao mestre, este quiz castigal-o, mas o menor reminou-se e o resultado é que jogaram os soccos.

—Como vae aquillo!

—A bondade do coração do director....

—Meu rico, para taes cargos não se exige corações bonanchões e sim quem saiba cumprir deveres.

Si o director reconhece em si impossibilidade por seu genio benigno, para fazer manter a ordem e moralidade do estabelecimento,

peça sua demissão, para vir quem melhor desempenhe.

Isso é que eu entendo.

— Bem dizem que o diabo tem duas capas. Aquelle magano tanto fez até que cahiu na gamada.

— Não é o Joaquim que tem venda no Taboão?

— E' elle mesmo.

Vinha do mar com uma porção de saccas de assucar, *arranjadas* nas alvarengas, quando os milhafres policiaes deram-lhe o grude.

E agora vae passar o resto da noite na Correção.

— A cousa ha de se arranjar.

— Olhe que o pote tanto vae á fonte até que la fica. O homem tem feito muitas.

— E' a melhor recommendação que elle tem a seu favor. Sou capaz de apostar que segunda-feira está na rua.

— Veremos.

— Foi preso um sujeito dentro da matriz da Conceição, ja soube?

— Quando?

— No domingo. Em quanto celebrava-se missa a que assistia a companhia de aprendizes, o cujo passava revista na sacristia e ia arrumando todas as vellas que podia. Na occasião de levantar ferro, foi pilhado.

— Ja sei que não perdeu a missa dos artistas conservadores:

— Fui ver.

— Va dizendo.

— Foi a todas as luzes. Muita foguetaria, petisqueira etc.

— Muitos artistas...

— Que eu conhecesse, tres; salvo si alguns bachareis, e empregados publicos, que la estavam, adoptaram agora a profissão de artistas.

— Então os artistas não compareceram?

— Não.

— Que rapaseada estragada! Fizeram tanta despeza para faltarem a boda!

— Homem, quer que lhe diga? Me parece que o nome dos artistas entrou na tal missa como Pilatos no credo.

— Lê-se no *Diario Fluminense*:

«Tem se espalhado, não sabemos com que funde de verdade quo, estando S. M. o imperador ante-hontem no arsenal, na occasião do desembarque do Sr. Inhaúma, muito proximo ao logar deste desembarque, retirara-se para visitar as officinas do mesmo arsenal.

Isso sem duvida não passará de boato inconveniente; entretanto a quem interessar a historia, poderá li- quidá-la em honra das..... —glorias e regosijos officiaes.

—Quer ouvir um caso acontecido um destes dias?

—Diga.

—O Sr. Z... é um marido bem apessoado, e dotado de excellentes qualidades physicas; e de mais a mais apreciador das damas de meio mundo.

Ha poucos dias, a esposa do Sr. Z... recebe uma carta anonyma indicando-lhe o lugar, onde ella poderia surprehender seu esposo em flagrante.

Ella dirige-se ao lugar e achia-se em frente de uma *menina feliz*.

Ha principiar a fazer recriminações; a outra porem detendo-a, diz:

«—Não se dê, senhora, ao dissabor de dar spectacles aqui, pois seu marido ha dous mezes não me frequenta; elle agora mesmo deve estar aqui ao pé, em casa de uma moça da mesma vida que a minha.»

Interpretação cordeal! Ellas vão ambas e descobrem o esposo infiel em estado de quem *vae maganear* no meio de um enxame de formosuras impuras.

As duas novas amigas precipitam se sobre o volúvel, e a mulher legitima administra em seu incesto esposo uma correção daquellas que se costuma dar a uma creança.

Depois disso a cimenta esposa retirou-se arrufada para casa de seus paes.

—O que quer V.? Os costumes do seculo são estes. A civilisação moderna admite destes casos que se passam na actualidade.

A PALAVRA DOUTOR.

Esta palavra têm lata ou restricta acepção, segundo a opinião em que cada um a toma, quer a tome litteral ou verbalmente, quer scientificamente, pois discordam muitos em sua verdadeira etimologia, ou technologia; e por isso tambem nós vamos metter o nosso bedelho, ou o nosso nariz no *mare magnum* das opiniões desencontradas dos authores, e dos modernos sabichões da epocha, ou epica, segundo o estillo ou phraseado capadoçal, e diremos o que entendemos em nossa caxola, o que é ella, e o que ella valle.

Doutor, segundo definem os lexicografos da lingua, é o que recebeu o maior gráu academico, o ensinador, o mestre.

Veremos, pois, si com o nosso fraquinho e mirrado entendimento, entramos na panella do nosso desejo, e no abismo insondavel de nossa vontade, com a franqueza ou som-cerimonia, que em certos e determinados casos soem ser dados.

Vamos mais longe do que desejamos, penetremos estes museus imperfeitos de formaturas de nosso paiz; investiguemos os fruc-

tos que elles tem dado, os homens instruidos ou ensinadores que tem apparecido, e então convecer-nos-hemos, que taes receptaculos de instrucção não são sinão meros passatempos estundaes, e ferias prolongadas pela estupidéz, e pela calaçarria.

Quantos bachareis dignos do nome sahem das academias? Muito poucos. E de estupidos quantas enxurradas não vemos nós todos os annos mijarem estes estabelecimentos, uns que não sabem nem escrever o portuguez, outros pessimos orthographicos, muitos idiotas, e finalmente uma classe toda proletaria para perdimento do paiz?!

Sahem esses pobres lorpas formados por empenhos; que fazem elles logo ou seus papalvos pais? Mandam-os para o viveiro da corte, e lá á custa de muitas baixezas e de muitas indignidades, arranjam um lugar de magistratura, e para elle vão. Triste povo, que tem de soffrer um stulto, que é peor mil vezes que quantas camadas de sarnas perseguem ao leproso! Tira a justiça á um, tira a vida á outro, perverte o innocente, sacrifico o seu voto á alguem, e torna-se um instrumento cego para fins bem indecorosos!

Estes exemplos todos os dias, e a cada momento ahi vão acontecendo, somente por serem os juizes idiotas.

Si elles consultassem bem sua vocação, talvez muito bons sapateiros fossem, melhores alfaiates haviam de ser, e seus paes não teriam dissabor.

Não se desenganam certos homens, que nem todos são para tudo, e que o estudar não é pentear macacos; é preciso muito queimar pestanas, não dormir, e não ter tempo de seu. Porem agora que vemos o estudante frequentador de sociedades, em bailes continuados, sempre distrahido, poderemos esperar no fim do tempo por um homem instruido? Pelo contrario, teremos um charlatão consummado.

Os doutores que vemos hoje são moços que bem dançam a polka, que bem sabem fazer um agrado, que desatarraxam meia duzia de palavras estudadas, que fallam em muitos authores, sem nenhum ter lido, que fallam desenterialmente sobre coisas tão finas, que nem lhes passaram pelos beiços.

Que diremos tambem dos taes senhores esculapios em nome? Muitas cousas:

Meninos que, ainda fedendo a fralda a mijo, segundo dizia certa velha rabugenta, e vadios quo querem ser alguma coisa, hao de dar por força com os burres n'agua.

O escandalo que se nota nas approvações de semelhantes lorpas, é o patronato decidido com que elles são approvados, alem do grande mal que vêm fazer estas pestes á so-

cidade. Quanta responsabilidade não pesa a uma corporação scientifica, por semelhante modo de proceder! Estes doutores, segundo a opinião de S. João Chrisostomo, são como os olhos d'alma escurecidos, ou como quem pe-leja ás escuras: não sabem fazer differença dos amigos, ou de quem lhes quer mal.

Taes são os estúpidos doutores que não conhecem o terreno que pizam, e afoitos querem entrar nelle. Mas o que acontece? Encontrarem muitos tropeços.

Ha doutores que fazem vergonha á si e aos estabelecimentos onde foram formados; por que muito custa-se a acreditar que um homem, por mais estúpido que seja, não ao menos o espaço de 5 ou 6 annos lhe basta para aprender alguma cousa! A pouca temperança, e comedimento das academias tem sido cauza de que fiquem semelhantes homens perdidos, e pezados ao estado.

Não vemos pelas ruas sinão verdadeiras caricaturas de doutores, que somente são conhecidos pelos oculos fixos, que são hoje moda, pelas calças apertadinhas, e grandes guedelhas que lhes cobrem a ensebada golla grimpada da casaca.

São estes os signaes característicos para serem conhecidos.

Faltam-nos hoje, com saudade o dizemos, um Nicolau, para zurrir estes lampréias, ou José Daniel da Costa para satyrisal-os.

Basta que já é massada, e a materia é choca, pois que tanta obra se faz nos doutores, que ja não se pode discursar mais.

A PEDIDO

Sr. redactor.—No *Alabama* n. 477, algum interessado, diz em uma mixórdia que publicou, que admirou-se de ver o cynismo com que os protectores das creoulas Lucrecia e Euphrasia vieram á imprensa contestar o corpo de delicto feito pelo Sr. conselheiro Dr. Magalhães, na creoula Maria Salomé.

O tal sugeito perdeu seu tempo, porque tão miseravel intriga não pega.

Entretanto, fique sabendo o author desse mixtíforio, que maior cynismo é o daquelles, que sem pejo procuram illudir a opinião publica, negando a verdade dos factos, com o unico fim de fazer parecer a sua protegida Maria Salomé uma pomba sem fel, ou um manso cordeiro entregue ás garras dos lobos; quando é o contrario.

Por ventura, quem será o protegido, quem é arrastado aos tribunaes, processado, com ordem de ser preso, perseguido, ou quem move toda essa perseguição, quem tem meios para recorrer da decisão dos juizes tres vezes

successivamente? O simples bom senso o está dizendo.

O plano de intriga para com o digno facultativo, foi bem estudado, mas não surtiu o desejado effeito.

Ninguém lembrou-se de pôr em duvida a reputação scientifica de tão respeitavel medico; do que se tratou foi de uma cousa muito differente: que não tendo Lucrecia nem Euphrasia tomado parte na questão entre Ignez e Maria Salomé, fossem entretanto processadas com aquella.

E disso aproveitou-se alguma alma baixa, sem duvida, para fazer um trama calumnioso, procurando involucrar pessoas respeitaveis em semelhante tecido.

A voz da razão.

—Moço faz favor?

—O que quer?

—Não sabe que cheguei da Costa d'Africa, no cutter *Eduardo* de que sou piloto?

—Agora, e que mais?

—Se não se zanga, lhe vou dizer que sou *carnívoro*.

—Ora Lollas, bata em outra porta, meu caro.

—Ah, vira lobis-homem.

—Pode ser.

—Pois é com o cadete *Ciri-Tinga*.

—Parece mais camarão que *siri*.

—Não zombe, pois estive no Paraguay e sou condecorado.

—Ah! já sei; o Sr. é o mesmo que para seduzir os innocentes tem o artil de dizer «que é vindo do Paraguay, recém-vindo da Africa, que traz encomendas fabulosas, presentes imaginarios. Si é com isso que quer attrahir-me, enganou-se; e demais, eu, para ser mastigado, tenho a carne muito crespá.

ATTENÇÃO.

Pede-se a bem da moralidade e decoro publico a certas moças moradoras na Lapa, que portem se serias e não deem desfructes, dando abraços nos seus apaixonados, principalmente com um certo caixeiro, e um inferior do corpo de policia, e com o C. Alpegico.

O logrado.

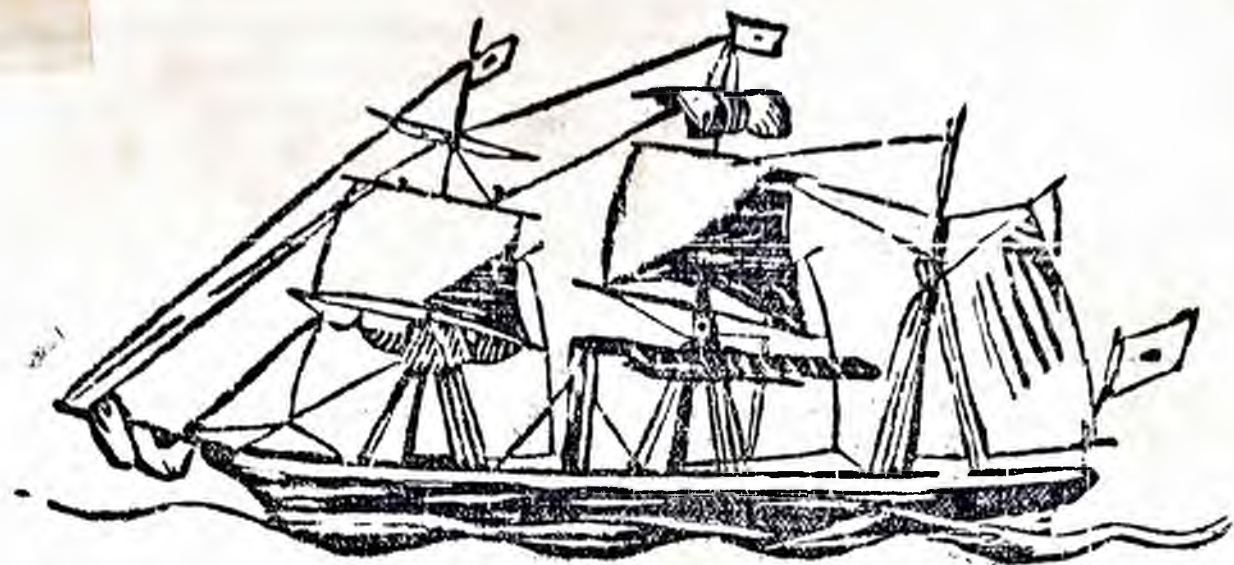
DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 13.ª folha do *RO-CAMBOLE*.

ANNUNCIOS.

Acha-se em impressão a *TOMADA DE VILLETA*, grande galope.

Typ. de Marques, Aristides & C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 48.

Anno VII.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

12 DE MARÇO DE 1869.

Ns. 479 e 480.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
11 de março de 1869.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, chamando mui seriamente sua attenção para o estado de exacerbamento que, nos affirmam, existe no arsenal de guerra, onde ha constantes recriminações e hostilidades entre a corporação de que se compõe aquelle estabelecimento, a ponto de haver quem leve para ali gente armada. Semelhante estado de cousas, a ser exacto, muito depõe contra a moralidade de uma repartição publica, pelo que espera-se, que S. Ex. dê providencias que façam serenar os animos e chame cada um ao cumprimento de seus deveres, restabelecendo a harmonia e respeito reciproco que devem reinar n'uma estacão publica.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, recommendando-lhe toda attenção para um tal *José Caveira*, cujas proezas no Taboão retumbam por toda a parto. Não convindo que esse *denodado* continue em seus *extraordinarios feitos*, espera-se que S. S. estenda sobre elle suas policiaes vistas.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, para que tome debaixo de suas vistas a um celeberrimo sargeito de nome *João*, que, dizem, veio da *Matta* para essa freguezia, onde tor-

nou-se o mais ousado velhaco na pilhagem do assucar que se dá constantemente ahi. Agora mesmo é elle indigitado como intermediario do assucar roubado e ha dias encontrado na igreja do Hospicio, e que na occasião de transferido ao seu freguez especial, o *José das Fazendas*, foi apprehendido em parte, estando a outra ja em porto franco. Cumpre aproveitar o ensejo para prevenir a S. S. de que, por occasião da apprehensão do mencionado roubo, a voz publica propalou certos factos desairosos, que se deram, sem sciencia talvez de S. S., para que o tal *José das Fazendas* não ficasse mal, o que, tudo isso, deve S. S. tomar em consideração.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que, sem demora, dirija-se á nova ponte da estrada de ferro, ao Caes Novo, e faça effectiva a multa da segunda parte da postura n. 52, caso seja exacto o que se diz, de que os pesos ali não tem a afferição legal. Cumpra.

(Em egual sentido ao trapiche da mesma na Jequitaia.)

—Estes Srs. compositores da vez em quando empastellam tudo!

—Distracções.

—E' preciso serem mais cuidadosos, para não escreverem que os ossos e caveiras que alastram o adro da matriz de *Santo Antonio alem do Carmo*, era em *Santo Antonio da Mouraria*.

—Officiaes torrados!

Morre um guarda do batalhão delles no quartel, mettem o corpo na *patusca*, e mandam-lhe dar cinco tiros!

—Si elles não tem *pra ferir*...

—Genipapo de *moleta*, si não podem não se mettam.

Não era pezo de dez arrobas, cinco tostões que cada um desse para comprar um caixão.

—Ou então fizessem o enterro como se faz em *Brotas*, sem espalhafato de descargas.

—Oh, que alarma no Taboão!

—E' o Antonio *Espalha-sujo* que quer enforçar a *camarada*.

—O' damuado!

—O homem está *triscando* e *lambendo* na phrase dos garotos.

—Me parece mais que está com o pé *queimado*.

—E a policia está tão entretida, que ainda não veio acabar com esta infernal algazarra que rola desde as nove horas e meia até as duas da noite!

—O gran-sacerdote do spiritismo por aqui! Provavelmente anda fazendo côrte a alguma *lama* do Caes Dourado.

—Enganou-se redondamente. O homem vem a experiencias spiriticas, e a *experimentada* é a uma linda morena de 19 annos.

—Como acham!

Vão ver que o pae é algum basbaque.

—Tanto é, que admite em sua casa semelhante harpya.

E gasta o dinheirinho que tem, porque encasquetou-se-lhe que a filha é excellente *medium*.

—O tal *pés de espalha-lama* tem geito para encartar-se.

—E a menina está tão ageitada que logo que ouve bater á porta cahe em extase!

—Papalvo! Elle mesmo carrega lenha para se queimar e depois quando o mal for irremediavel, queixe-se ao *Paiva*.

—Que menino! Ainda creança e ja com a mão assentada!

—O que fez?

—Sangrou a madrasta por não encontrar o pae.

—Onde foi isso?

—Na rua das Lorangeiras, na terça-feira.

Um rapazito de 19 annos, por nome Bento Gomes, a quem o pae corrigiu com algumas cipoadas, arrefestelou-se e munuiu-se de uma faca para aggre-dil-o; não o encontrando, desabafou-se com a madrasta.

—Malvadinho!

—Effeitos de má educação.

De um menino creado ao *la se avenha*, lavando cavallos na Preguiça, o que devia esperar-se?

—Bem diz o adagio que quem mal cria para si é.

—O que faz tanto povo apinhado na porta desta venda ao Taboão, as duas horas da tarde?

—Approxime-se que verá!

—Um menino estendido no chão!

Foi algum ataque?

—Um tal Lopes, inspector de quarteirão, deu-lhe tamanha cassuletada que o estendeu sem sentidos.

—Como se faz isto n'uma creança! Foi preso?

—A' ordem do chefe de policia.

—Mas si é o Lopes, que tem loja ali no principio da ladeira, la vem solto e livre.

—E' elle mesmo.

—Homem, este Taboão vae ás mil maravilhas! Entra-se na casa alheia, dá-se pancada e fica a cousa em nada!

—Como se chama esta terra?

—Cidade de S. Salvador, Bahia de Todos Santos.

—Dir-se-hia pelos habitos e costumes, que estamos na Costa de Africa!

Morre uma mulher no becco do Açougui-nho, nascida neste torrão, educada nos preceitos da religião christan, catholica, apostolica romana e os suffragios que lhe fazem no septimo dia, é uma infernal assuada de tabaques e vozerias acompanhadas de danças extravagantes, e tudo quanto a superstição e ignorancia pode inventar!

—Mas o capitão Braga ja foi á porta dizer que tocassem mais baixinho!

—Que tocassem mais baixinho... isso parece um escarneo.

—E amanha vão ver aquella corja de mulheres, pardas e creoulas, nascidas no paiz, baptisadas e confessadas, professando a religião de Christo, que agora se entregam a tão repulsivas e desordenadas praticas, em um templo com hypocrita devoção a baterem nos peitos!

—Entretanto a egreja catholica tão cheia de preconceitos que lança anathemas a torto e direito, até por opiniões politicas, que não consente que um protestante tenha sepultura em logar sagrado, que leva a intolerancia ao ponto de se oppor, por meio das irmans de charidade a que se guardasse no deposito do hospital o corpo de um moço, suíço, que se suicidou no Rio de Janeiro, até o dia seguinte,

não tem forças para stygmatisar tão hediondo abuso!

—E o Sr. arcebispo que profliga o spiritismo, cujas praticas, ao menos, não são tão ás cancearas, tolera aquella immoralidade!

—E a policia permite tão repugnante escandalol!

—Traz noticias da Calçada?

—Brigaram duas mulheres.

—Que noticia dá V.!

—Não vale a pena registrar. Sem duvida foi alguma descompostura com que se mimosearam; todos sabem que a lingua é a arma favorita da mulher.

—Pode ser; menos desta vez, porque as escolhidas para o duello foram as de *Santo Estevam*.

—E feriram-se?

—Ora si!

A amazia do Sr. Jesuino, pintor, deu na do Sr. Arouca, tambem pintor, tamanha tijolada que fez o mellado descer.

—Ah, foi barulho por causa de *broxas e pinceis*.

—A offendida ficou grave e foi recolhida ao hospital, a aggressora empinou-se.

—Está bom; o negocio foi mais serio do que eu julgava.

—Pobre rapaz, coitado! Que desastre!

—O que foi?

—A gondola emborcou perto do arsenal e os passageiros ficaram uns de cabeça quebrada, outros machucados; porem aquelle foi o mais prejudicado; quiz saltar e partiu o braço.

—Ha dias pessimos!

—O de hontem 10 foi um delles.

Em uma pastellaria á Estrada da Valla houve um desaguizado, em que correu sangue.

—Uma questão entre o caixeiro e um freguez.

—E na gondola esta desgraça!

—Além do preço exagerado porque se compra presentemente a carne, ainda em cima vem roubada no pezo.

Mandei comprar cinco libras de carne e veio faltando uma libra; no entanto que custou-me ao exuberante preço de 360 rs. cada libra.

—Que hydrocira!

Está porque antigamente não enterravam os carneiros no lugar sagrado.

Que gente sem consciencia!

—O diabo os carregue para o seu infernal reino.

—Amen.

O MODO DE VIDA.

Uma das principaes bases do credito de qualquer homem na sociedade, era antigamente o modo de vida de que se subsistia. Com emprego licito e um trabalho honesto adquiria credito entre os seus semelhantes, ganhava o conceito das authoridades, era respeitado dos mais velhos, e era util ao paiz: hoje, porem que o sacco do juizo anda virado ao avesso, tudo se considera modo de vida. Si se encontra em um circulo vinte homens, só de cinco é que se sabe o meio de vida, dos outros quinze uns vivem por enigmas, outros acham dinheiros mysteriosos, e outros fazem despezas por magica. O certo é que todos vivem; uns trabalhando, outros intrigando, outros roubando, outros illudindo unicamente, o assim todos vivem, todos gozam, todos passam, e todos são cidadãos. O bandalho, e o honrado, ambos saem de casa, os penteados são julgados homens de bem na sociedade, e eis em que consistem os mysterios deste mundo, os quaes de dia em dia vão crescendo, e de hora em hora vão apparecendo em nova especie. A cada canto se encontram ricos improvisados, proprietarios feitos á vapôr, e capitalistas de sópro; e qual é a raiz quadrada de tudo isto? A pouca vergonha dos homens, que desejam só lucrar para satisfazer seus vicios, sem attenderem aos meios que empregam.

Veem-se especuladores por este mundo de meu Deus, muito, lordes e muito enfeitados a custa dos escravos que tem furtado, outros esbanjando contos de réis, e desfructando meza lauta a custa da infame ladroeira de papel falso, e outros finalmente vendendo a justiça, reduzindo á miseria a orphandade, e calcando aos pés as leis da humanidade: e tudo por que? Por que os homens da epocha presente tem fechado os olhos á religião, e tem se esquecido da morte; cavados no crime e na perversidade, já lhes não faz móssa e vêr a desgraça dos seus semelhantes. Com a ufania da estupidez marcham sobre o erro como si fosse pela estrada da virtude; quanto mais lucraram, tanto mais vão extorquindo, mais invenciveis se julgam: mas oh! homens indiscretos! quando menos pensardes, o diabo que até agora vos protege, de repente vos desampará, e acabareis essa existencia atribulada devorados no fogo dos remorsos; sahireis deste mundo, deixando aos vivos uma fama triste e horrorosa.

TRANSCRIPÇÃO.

O REDIVIVO.

Dorme o batalhador!... porque choral-o?

Armas em funeral!—silencio, oh bravos!

Que a dor não o disperte!

Tão só... tão grande... sob a terra inerte!

A patria além... partido o coração...

Saudade immensa... e immensa solidão!...

Não o dispertem! elle dorme agora,

Embalado nos braços da metralha,

Ao trom da artilharia:

Por lençol—a bandeira: em terra fria

Tem por leito—os trophens; por travesseiro

Tem o canhão no somno derradeiro!

Sorrindo adormeceu—a espada em punho!—

A imaginar, sonhando ouvir no espaço

O clarim da iavestida!

A' cabeceira—a morte; agradeceida

—Aos pés—a gloria; e ao lado ajoelhada

—A patria, pobre mãe desventurada!

Segura as redeas do corseel sem dono

Formosura sinistra—olhar infundo!—

E' a deusa da guerra!

Mede os espaços, os fins da serra...
Quer dispersal-o... treme... o passo é incerto...
Estende a mão e aponta p'ra o deserto!

Quando elle adormeceu, na mente insana
Homericas visões lhe appareceram!

Olhou fito o seu norte...

Eu sou a eternidade, disse á morte,
Do meu ginete o pé a terra abala,
Quando eu caminho—a viração nem falla!

E que ternas visões!? na marcha ousada
Para saudal-o os mortos levantavam-se,
Tocavam as cornetas,

As peças disparavam nas carretas;
E ao cabo do caminho a doce paz
Lhe preparava os arcos triumphaes!

Elle via, qual mar tempestuoso,
Ondas revoltas umas apoz outras,
Da audaz cavallaria

As cargas que a victoria presidia;
E, salvando a galope a immensidade,
Dizia a morte:—eu sou a eternidade!

As montanhas se abatem quando eu passo;
O rio inclina o dorso e me saúda,
Si me apeio em caminho!

O meu cavallo é aguia, o ceu é ninho;
A fome, a peste, a chuva em veus de fumo
São meus soldados, guiam-me no rumo!

E que eternas visões—em vasto immenso,
A narina incendida, o peito arfando,
O ginete parava!

Eis a voragem!... lá no fundo a lava
Que entornam os vulcões da artilharia
É um exercito de mortos que se erguia!

Depois nuvem de fogo... uns sons tremendos...
Um estalar de ossos... ais... mil pragas...
Uma orchestra infernal!

N'um mar de sangue o sol como fanal!
Os tambores rufando... armas quebradas...
Bandeiras rôtas... retintim de espadas!

Um trovejar sem fim... um largo incendio...
Mas, elle á frente no corcel fitando
O infinito—seu norte,

Dizia á eternidade: eu sou a morte,
Meu cavallô é o destino, o ceu mortalha,
Meu braço é raio, o coração muralha!

Ao ver-me tremulante as palmas dobra
A palmeira; estreitam-se os banhados:
O arroio nem transborda;

No firmamento azul o sol acorda!
Quem é, pergunta a noite á ventania,
Este archanjo de luz e poesia?

E' da floresta o rei, exclama o vento:
E' o spectro do sol, affirma a estrella:
Das aguas o senhor,

Murmura o rio um cantico de amor;
E a tempestade diz, meu cavalleiro,
Tens por corcel as azas do pampeiro!

E corre, e corre... ao cabo da carreira
Immenso boqueirão... fosso sem bordas...

Tranca-lhe o espaço a cruz,
Embaixo a densa treva... o cimo é luz!
Basta, lhe brada a voz da immensidade,
A morte foi teu guia á eternidade!

Armas em continencia!—é um morto vivo!
Eil-o que passa agora, erguido ao alto
No esquite da victoria!

O Brazil o saúda, e tu, historia,
Um poema de luz de novo escreves!
Soldados, cortejae Andrade Neves!

Á PEDIDO

—Capitão, trago-lhe uns apontamentos.

—Vejamos.

—Um official dos *permanentes* possuia um cavallo e por economia tinha-o no quartel, comendo a gramma da nação.

Foi a certa diligencia e deixou o cavallo ahí.

Um collega, precisando de dinheiro, lançou mão do bicho alheio e o poz nos cobres.

—Tratantada no caso.

—Ora, eu não sei si o quartel dos *permanentes* é *aquella cousa* da Joanna, onde todos podem mexer, o caso é, que o intruso vendedor, quando dispoz do animal, que não era seu, deu permissão ao comprador para continuar a tel-o na estrebaria do quartel, como si os cofres comprassem capim para quem quizer engordar seu cavallo.

—Vão ver que o sujeito ja fez isso de trêta.

—Vamos adiante.

O comprador, não previu que laranja madura na estrada ou é azeda, ou tem maribondo.

Que era muita felicidade, comprando cavallo achar sustento de graça para elle.

—*Tibi!*

—O verdadeiro dono do bichinho cbegou de fora e sem saber da tramoia vendeu-o a quem bem quiz, e quando o primeiro comprador foi ao quartel vel-o achou-se com os beiços com que mamou.

—Isso é uma trapaçeria ignobil.

—O barato saho caro.

—E como se arranjou a *cousa*?

—Accommodou-so o negocio e ficou tudo

em segredo como se estivesse sepultado em uma cova.

—Ora querem que esta Latronopolis ande direito, quando os principaes pelotiqueiros, os membros de maior escalla do olho-vivo, intervem na policia della!

O ATTENTADO CONTRA O DR. PEDRO MONIZ.

Disse-nos o Sr. Dr. Leão Velloso no *Diario* que fazia ponto na questão de *perjurio*.

Sentimos haver incommodado S. S., nunca foi nossa intenção.

Mas si a doutrina de S. S. é a *immoralidade* em permanencia.

Quer vel-o, meu Dr?

Consequencias praticas da doutrina do Sr. Dr. Leão Velloso: «*Não ha perjurio na formação da culpa.*»

Entre nós avultam *especulações* de toda ordem.

Amanhan se pode abrir nos diversos pontos d'esta cidade novos *estabelecimentos*, escrevendo á luz do dia nos seus retabulos:

«*Novo genero de industria.*»

«*Testemunhas falsas para a formação da culpa.*»

«*Preço fixo \$.*»

Nem o promotor publico, nem a policia, tem que se intrrometer com isso, porque «*não ha perjurio na formação da culpa.*»

Pela formação da culpa—vai-se á pronuncia:

São effeitos da pronuncia:

1.º A prisão.

2.º A suspensão do exercicio dos direitos politicos.

Cinco testemunhas a 5\$000, 25\$000 rs.

Temos portanto, que com 25\$ rs. de *testemunhas falsas*, por ex., pode-se processar a humanidade inteira, prendel-a, ou suspender-a, do exercicio dos direitos politicos.

E' o *Evangelho* pregado pelo Sr. Dr. Leão Velloso.

«Mas a penalidade do crime de perjurio?»

A companhia do *olho vivo* escapa, quanto mais os *viveiros* de testemunhas falsas!

Basta affixar nos corredores dos novos *estabelecimentos* de perjurio:

«*Instrucções a que se refere o exercicio d'esta industria:*»

«Os nossos costumes judiciais quasi sempre dispensam a audição das testemunhas perante o jury»

«As testemunhas que notificadas deixam de ali comparecer não soffrem effectivamente penalidade alguma.»

«Em todo o caso por prudencia é melhor

não comparecer o *industrioso*, quando notificado para o jury.»

«Si absolutamente tivesse de soffrer penalidade seria por crime de *desobediencia*, penalidade que não tem comparação com a do perjurio.»

«Si acontecer que seja agarrada e conduzida debaixo de vara e não tiver por onde safar-se, basta o *ligeiro incommodo* de retractar-se perante o jury.»

«A testemunha pode ganhar duplamente; recebe de um para *jurar falso*; recebe de outro para *retractar-se.*»

«Para tudo isso não é myster segredo; pode fazer-se a *transacção* na mesma mesa do conselho dos jurados, com tanto que seja antes da occasião de *dar o novo depoimento.*»

«Os *industriosos* podem contar com a certeza do lucro, porque logo o *empalmam*; e com a efficacia da doutrina de direito, porque —na *formação da culpa* não ha perjurio.»

Com taes *instrucções* e mais alguma *sagacidade* da testemunha, pode ella viver vida folgada e milagrosa no *licito exercicio de perjurio*; e a liberdade civil e politica do cidadão entregue aos calculos da cerrupção e mercancia dos *prostibulos*!

E si a testemunha que jurou *falso* na formação da culpa, fallecer antes da occasião de depôr no jury?

Onde a occasião da retractação?

O seu depoimento não fará carga?

Ainda mais.

Si uma testemunha pode retractar-se; duas, tres, todas o podem fazer, quer para a absolvição, quer para a condemnação.

Não ha perjurio na formação da culpa.

Saibam todos os accusados, portanto, que para *sophysmar* qualquer processo, ou evitar qualquer pena, bastará por *dinheiro* ou *amigos* obter essa *retractação*.

Elles ficarão livres, e as testemunhas não soffrerão, porque na formação da culpa não ha perjurio.

Eis algumas das consequencias praticas da doutrina do Sr. Dr. Leão Velloso.

E' a *corrupção* erigida em principio.

E' a *prostituição* da honra e do dever sancionada pelo aparato legal.

Sujeitem-se ás suas consequencias.

Ainda entre os povos os mais barbaros a idéa de um Ente sobre-natural os prendia em seus desvarios.

A revolução franceza baqueou de sua sublimidade, diz um escriptor, desde que ousou quebrar a creença em um *Deus*, substituindo-o pelo culto ridiculo á effigie da *Rasão*.

Restava ao Sr. Dr. Leão Velloso a gloria de iniciar entre nós o apostolado do *perjurio*.

Finda logo esta historia, pois os ladrões de tua egualha, não me dão tempo para descansar.

— Capitão, por quem é, V. Ex. perdoe-me.

— Has de sel-o, depois que fores para os infernos.

— Meu Deus, ajuda-me. Logo que eu fugi de S. Francisco da villa, foi que dei principio á minha pilhagem.

— Qual a razão de retirar-te d'esse logar?

— Foi, segundo diz o povo, um assassinato que mandei fazer em um pobre homem.

— Bom! bebado, ladrão e assassino! E neste gosto esperas perdão!...

— Meu capitão, foi o accaso que isto me fez commetter; porem Deus mais soffreu por nós.

— E não tens remorsos dos roubos, e da morte que fizestes nestas tres creaturas?

— Capitão, o roubo não, a morte fiquei um pouco assim; porquanto os cobres foram para ficar no logar de um presente que fiz.

— E qual foi esse presente?

— Foi quando eu quiz ser designado capitão commandante do regimento nove vezes oito.

— E para isto precisou tanto?

— E' verdade; quiz aproveitar quando aqui veio o governador visitar esta villa.

— E' por isto, scelerato, que tu estás desenfreado a commetter tudo quanto é acto reprovado pela sociedade?

— Capitão, fáço isso para dar expansão ao meu diabolico genio.

— Estou sciente e satisfeito de ouvir-te; agora vou providenciar como entender.

— Capitão, de novo peço a V. Ex. perdão.

— Has de ser attendido.

Muxingueiro!

— Prompto.

— Toma conta deste capetão, porem vê que elle tem a seu favor tudo que é reprovado pelos homens: é bebado, ladrão, e assassino, e por isso mette-lhe em um beneficio dos teus.

Tira-lhe o bonet e raspa-lhe a cabeça, tira-lhe o fardão e dá-lhe o barril; tira-lhe as esporas e passa-lhe a calceta, findo o que farás o exercicio de novenas; dando-lhe de primor cem tacadas na cara, deixando a ultima para o sabbado de alleluia ás 10 1/2 horas, que será o nosso divertimento.

— Chega, ladrão!

— Ai, ai, ai, ai, ai, não se pode ser ladrão n'esta maldicta terra.

(Continúa.)

— Capitão, este safado inculca-se de inspector, sem ser.

— Para que?

— Para commetter bandalheiras e logros.

E' um malandro, completo reu de policia, som occupação licita.

Quando não está nas escamotages, descansa á sombra de um *salgueiro*.

— O muxingueiro dar-lhe ha occupação.

— Tudo faz conta ao ralé; é olho-vivo de baixa esphera.

Hontem, com a maior descarração, roubou a um tabareu, na porta da venda do Joaquim Torres, quatro maços de fios de ticum.

— Que miseravel! O que se ha de fazer com um diabo destes?

— Eu lhe digo: mande V. Ex. pôr-lhe um

— E—na-testa, para que fique bem conhecido dos pobres tabareus, a quem tanto tem enganado.

— Pois seja feito.

AGRADECIMENTO.

A' EXMA. SRA. D. C.

Não esperei que sendo S. Ex. tão bem educada, tivesse a *urbanidade* de mimosear-me com o *delicado* epitheto de sem-vergonha, no ultimo dia de entrudo; por ter dirigido uma laranginha a uma das pessoas que estavam junto de S. Ex., por isso permitta-me que cordealmente lhe agradeça tão polidas expressões cahidas de seus labios.

— Sr. Joaquim, componha-se!

— Estou no meu trabalho, Sr.

— Mas repare, que é preciso acatar a decencia. O Sr. sentado em uma tripeça á porta da rua, cobrindo o corpo apenas com uma tanga esfarrapada!

— Quem não quizer ver, feche os olhos.

— Enganou-se meu quidam. Tem imperioso dever de respeitar o pudor das familias.

— Aqui no Taboão ha tão poucas...

— Muxingueiro, toma bem nota no n.º 35 da porta deste sapateiro. Si a primeira vez que por aqui passares, o encontrares em tão immoral traje, mete-lhe a taca sem dó!

— Capitão, na *moenda da ilha* existe um individuo que não tem nada de *innocente*.

— Ignoro quem seja.

— Um estuporado, verdadeiro espadachim, um rusguento dos seiscentos, que vive a fomentar rixas com todos.

— O muxingueiro anda á cata dessa laia de gente.

— Um endemoninhado, que tomou a si a malevola tarefa de dar cabo dos bois alheios a chuço e lança.

Um turbulento quo compra desordens, e vae ameaçar os pacificos visinhos em suas

proprias casas, acompanhado do inseparavel peito-largo, um faccionoso de tão feia caturada como elle.

Uma especie de ave do rapina que dá conta da creação alheia.

Um perigoso, que para fazer mal, foi de proposito ao riacho da *Janinha*, matar uma vitella da D. Alexandrina.

—Uma creatura detestavel emfim, flagello dos vizinhos, um tremedal sem fundo de malversações, não é isso?

—Justamente.

Um desalmado scelerato sobre quem pesa o stygma de haver assassinado um homem, cujas provas dormem nos cartorios o somno do esquecimento.

—Tudo isso ha de reviver, e o delinquente ha de ser punido. Tenha um pouco de paciencia em quanto se dão as providencias para ser agarrado o sevandija..

PROVINCIA DE GOYAZ.

DESENGANO.

Lá se vae aproximando
O dia d'uma eleição,
Que será de vida ou morte
A' brasileira nação.

Goyanos, caros patricios,
Não vos deixeis illudir,
Si o França fôr deputado
Muito temos que sentir.

O França não é goyano
Nem sincero brazileiro;
Quer pescar em aguas turvas
Esse pobre aventureiro!

Nesta presente eleição
Ha de ao abaixo assignado,
Ter a gloria de dizer:—
França não é deputado.

O BOI.

(*Monitor Goyano.*)

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

Breve será publicado o romance ornado de caricaturas.

O CAVALHEIRO DA BOMBA.

Ou às escamòtages da casa do Desterro.
Assigna se em casa do Doria.

Está nos prelos e sahirá á luz por todos estes quinze dias a comedia em 3 actos ornada de canto intituldaa,

O FALLASTRÃO INDISCRETO.

OU AS LEVIANDADES DO PAR-DE-ARANHA.

Denominação dos actos.

1.º—Datadas do director.

2.º—O rancho de reis.

3.º—A vaidade estúpida.

Recebem-se assignaturas no becco dos Bambús, ou em casa da *Onça agalouda*, ao preço de 500 rs., o exemplar.

VARIÉDADES

GENEROS QUE MAIS SE ENCONTRAM NOS BAILES.

	VIRTUDES CONTRA
1.º Lisonja	Sinceridade.
2.º Impostura	Educação.
3.º Calote	Probidade.
4.º Intriga	Circumspeccão.
5.º Namoro	Honestidade.
6.º Cabelleira	Cantella.
7.º Descarção	Vergonha.

Um advogado, que advogava a demanda de uma criança de quatro annos, levou-a para a sala do juizo. Durante a sua falla tinha a criança nos braços, apresentava-a aos juizes, e não fazia senão citar passagens cheias de expressões tocantes.

A criança chorava, e as lagrimas que acompanhavam a falla do advogado não deixavam de commover o auditorio. O advogado da parte contraria, a quem uma tal disposição de espirito dos assistentes não fazia boa conta, perguntou a criança porque chorava? «Porque me dão biliscões» respondeu está a chorar.—Os juizes soltaram grandes risadas, e o advogado da criança perdeu a causa.

RESPOSTA A TEMPO.

— Dialogo a uma temperatura de 38 gras:

—Repito-te que és um mau esposo, cada vez te acho mais frio!

—Por amor de Deus, mulher, não digas disparates. Pois se ha tres ou quatro dias suo camarinhas!

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 14.ª e 15.ª folhas do ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS.

ATTENÇÃO.

Pede-se ao Sr. Olegario Castilho que vá á venda na rua da Valla n. 68, para negocio de seu interesse.

Acha-se em impressão a TOMADA DE VILLETA, grande galope.

O ultimo laço que prende o homem ao dever—o juramento—eíl-o despedaçado em nome da lei.

Mais tarde se assentarão, e chorarão sobre as ruínas da Babilonia.

VINDICIUS.

(Do Jornal da Bahia.)

Eu tenho por vizinha uma creoula
Tão guapa como um frade franciscano,
De olhos requebrados, ar dengoso
De alvo calcanhar e pé bahiano.

Eu tenho, ai, eu tenho uma vizinha,
Engraçada, feiticeira, caprichosa,
Braços roliços, lisos qual velludo,
Cadeiras chatas e cintura airosa.

Canta ella como canta o papagaio,
Forte a voz que parece um rabeção,
Oh! que a tal creoulinha mata a gente,
Tem olhos vivos como o fogo de um tição.

Veste quatro e cinco anaguas de uma vez
E fica grossa como um papo de perú,
Olha p'ra gente com o beijo arrebitado
E anda sempre cheirando a carurú.

Veste saia, põe um torço na cabeça
Traça o panno como um manto de rainha,
Fica airosa, fica bella, fica linda,
Matando tudo a boa creoulinha.

Oh! é guapa, é taful, toca viola,
Bebe cotréa, dança e tem navalha,
Que quando irada, semelhando as furias
De um golpe a cara de quem quer retalha.

Ai, meu Deus! o andar da rapariga
Como cordas me prenderam ja esta alma,
Este fogo que me queima cá por dentro
Não se apaga, não se finda, não se acalma.

Eu tenho, ai, eu tenho uma vizinha,
Por quem morro, cada dia, cada hora,
Mas a ingrata quando os cobres não encheriga
Fecha a porta me despede e vae-se embora.

UM PEDIDO JUSTO.

Pede-se ao Exm. Sr. barão de S. Lourenço presidente da provincia que, por equidade, mande collocar alguns combustores de gaz á ladeira que sóbe da Quinta dos Lazaros para a Cruz do Cosme, visto ser este logar bastante habitado e prestar-se ao transito tanto de dia como de noite de toda a gente moradôra d'aquelles arredores;

Quando da casa da Quinta até ao alto do cemiterio tem treze combustores de n.º 1190 a 1201 que nenhum serviço prestam, porque depois das 6 horas da tarde, horas em que se termina os enterramentos, mais ninguem ali vac, parece de muito maior razão que a la-

deira de que se falla, deve ser dotada de alguns combustores.

Espera-se que, S. Ex. sollicito com se tem mostrado pelo bem publico, não se recusará attender a este tão justo pedido.

Alguns moradores do logar.

Uma estrada aberta ha muitos annos á servidão publica, e que muito frequentada era por se tornar mais perto a quem ia com enteros da cidade para o cemiterio da Quinta dos Lazaros, podia ser feixada por assim convir á interesses de um particular?...

Os Srs. presidente da camara, provedor da Quinta e Hospital dos Lazaros, e engenheiro Lourenço Eloy Pessoa de Barros que respondam.

(Continuação.)

—Muxingueiro!

—Prompto.

—Solta e traz á minha presença o capitão larapio.

.....
—Eis o devasso, capitão. Estava a cacarejar como gallo.

—Quero solução dos cinco escravos que trouxestes.

—Respondo já a V. Ex. Os cinco escravos eram meus trabalhadores e não furtados como querem os meus adversarios dizer.

—E a trabalhadores alugados se occulta?

—Não, Sr., porem eu...

—Falla verdade, bruto!

—Tendo eu feito minha pilhagem nestes escravos, julguei que a policia de V. Ex. não tomasse disso conhecimento, mas foi quando o diabo desmanchou-me.

—O diabo és tu em figura.

—Como dizia, não entreguei os escravos, e fiquei certo de os pagar o mais breve possivel, o que não fiz por falta de tempo.

—Sim... passa adiante.

—Porem agora o vou fazer.

—E o negocio do mané da ilha da Encarnação?

—Isso eu ignoro, meu capitão.

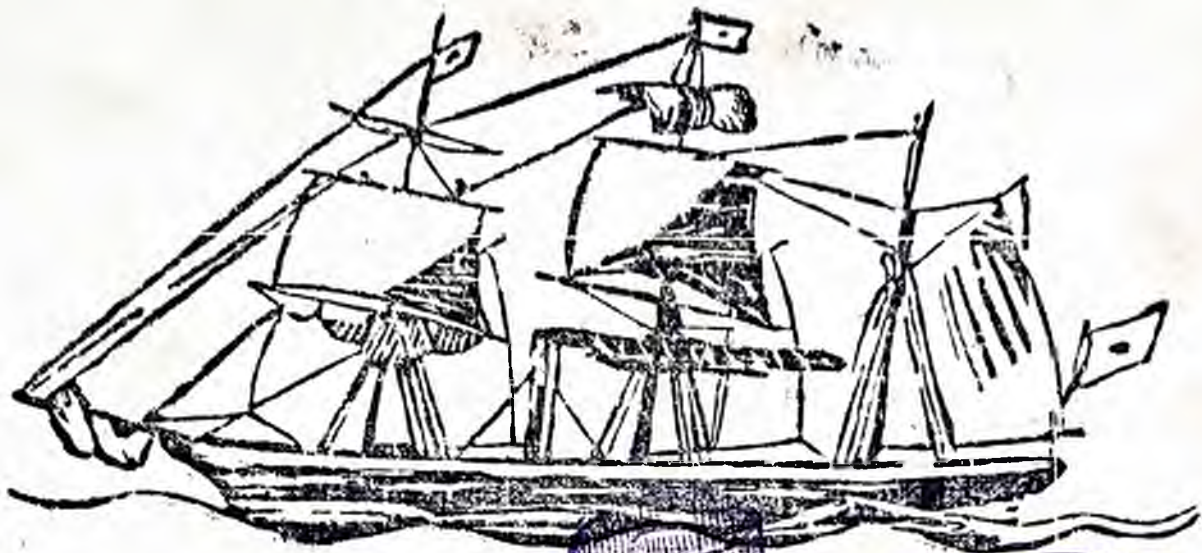
—Pois vou lembrar-te: conheces o Pitta & cravo?

—Ouço fallar n'esses homens.

—E que negociada foi uma que á força de um revolver fizestes; forçando-os a assignar um papel em branco, e dous mezes depois chamaste-te credor da quantia de dous contecos?

—Ah, meu Deus! Quem tanto espia minha vida? desta vez sou victima.

—Victimas estão sendo aquelles a quem tens enganado e deturpado, rapina!



O ALABAMA
BIBLIOTHECA
do
Instituto Geographico Historico
Periodico critico e chistoso
BAHIA

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 49

Anno VII.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

16 DE MARÇO DE 1869.

N. 481.

O ALABAMA.

Começa hoje a serie 49 do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
15 de março de 1869.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia.—Havendo entre os menores do arsenal de guerra grande numero delles que chegaram á idade de passar para a companhia de operarios militares, leva-se isso ao conhecimento de S. Ex. para que se sirva de ordenar a transferencia dos mesmos para a referida companhia, como manda a lei, afim de que não se continue a fazer indevidamente com os mesmos nma despeza pela verba destinada aos ditos menores.

—Ao Illm. Sr. director do arsenal de guerra, para que informe si é exacto que S. S. creara nesse arsenal um lugar de costureira, a qual percebe mensalmente 40\$ rs., somente para *remendar* a roupa dos menores e, no caso de ser assim, quem é essa mulher e com que authorisação faz S. S. semelhante despeza.

—Estes padres a ridicularisarem os santos exercicios do culto catholico!

—Elles mesmos dão os maus exemplos.

—Principiaram á novena de S. José, no Collegio, primeiro e segundo dia e no terceiro babau... Nem padres nem nada! E os fieis,

que estavam na egreja á espera, sahiram desapontados, para se fechar as portas.

—E' assim que elles edificam o povo!

Agora ou hão de alterar o kalendario ou fazerem duas novenas n'um dia.

—Capitão, uma mulher desalmada consentiu em atirar fora o fructo de suas entranhas.

—Agora?

—No domingo passado.

Uma mãe desnaturada não tremeu ao lancar mão sem piedade da innocentinha creatura e ir abandonal-a aos cães e aos porcos, em baixo de um tamarindeiro no fundo do quintal da propriedade chamada *Casa grande*, perto da Ribeira de Itapagipe.

—Corações obsecados! As feras ao menos são extremosas para com aquelles a quem dão á luz do dia.

—Eu não sei si é lei da Providencia que os filhos sejam responsaveis pelas faltas dos paes.

—Em resultado, o que foi feito da coitadinha?

—Os vagidos do inculpado recém-nascido, que não commoveram, talvez, o frio coração de quem lhe deu o ser, acharam echo nas almas bemfazejas dos moradores que quizeram tomar a si a creação do desditoso, alguém, porem julgoa mais acertado mandal-o para a casa dos expostos.

—E Deus velará por elle.

—Dizem que foi desflorada uma menor.

—E' moda hoje.

—Mas sabe quem é author de tão revoltante acção?

—Não.

—Um padre, um vigario. Nisso é que está o escandalo.

—E' daqui?

—De uma *villa* de fora. Encontrou a creança n'um *prado* e forçou-a a satisfazer sua desordenada incontinencia.

—O pastor transformou-se em lobo.

—Ahr está como elles edificam!

Este que tinha apparencias de querer conduzir o rebanho confiado á sua guarda ao *prospero* caminho da felicidade eterna, pratica disto. Uma acção torpe que um *ferreiro* se envergonharia de praticar!

—São cousas, *Souza*.

—Uma preta enforeada ha quatro dias sem ninguem dar por ella, si não são os urubús.

—Em que logar?

—Na fazenda Tororó.

Chamava-se Thêreza; era escrava do Viana vidraceiro.

—Ao que se attribue, sabe?

—Ignoro; até nem corpo de delicto se pôde fazer em razão do estado de putrefacção em que estava o cadaver.

—Estou consternado, capitão!

—O que lhe aconteceu, meu amigo?

—Presenciei uma scena que me penalizou bastante.

—Conte-me; quero acompanhá-lo no sentimento.

—A irman do Sr. José Ferreira de Miranda, senhora adoentada, ao receber a noticia que seu irmão, o qual era o seu unico arrimo, fôra suspenso do emprego que o occupava no arsenal de guerra, teve um ataque, e quando tornou a si estava louca!...

—Que calamidade!

—São fructos que vão produzindo o estado de anarchia que reina naquella repartição.

—O Sr. alferes da policia José Placido de Guimarães Cova faz uma reclamação contra a interpretação que deram acerca do facto de um official da policia latronopolitana que vendeu um cavallo alheio.

—Não era preciso; S. S. é bastante conhecido.

A palavra *cova* em gripho quiz apenas indicar o patronato com que abafou-se esta *negociada*.

E depois, o caso se deu com a policia de Latronopolis e não com a da Bahia.

—Mas o Sr. alferes diz que na policia da Bahia deu-se um caso egual a este.

—Coincidencia fatal!

Para que não façam supposições ambiguas, fique declarado que o cavallo em questão pertencia a um capitão da policia de Latronopolis chamado *Xico Mario* e que quem praticou a esperteza foi um tal que á tempos raptou uma menina e depois ausentou-se para a *corte imperial*.

—Pois sim; desta forma ninguem continuará a fazer juizos maus sobre a reputação do Sr. alferes Cova.

—Continuam os arrombamentos dos trapiches.

—E' mal sem cura.

—Arrombaram o trapiche de Soledade e levaram 18 saccos de assucar.

—A freguezia do Pilar está contaminada de ladrões.

—E a policia impotente para acabar com elles.

—O presidente está na *quebradeira*.

—Quem lhe contou? Um homem que dá partidas!

—Por isso mesmo.

Os musicos, no dia 12, ficaram aguiando. Trabalharam a noite inteira *em secco*.

—Economia.

—Mesquinharia.

—A companhia do *olho-vivo* trabalha admiravelmente!

Na quinta feira appareceu na rua do Sa-boeiro, em casa da parda Brasília, um vulto desta companhia levando a ella amostras de umas chitas, dizendo que as tinha para vender e se queria compral-as, inculcando-se de caixeiro de escriptorio.

Tratou o tal *industrioso olho-vivo* de massar muito a mulher, a qual, depois de muita massada, tendo o que fazer no interior da casa, pediu licença ao ficticio caixeiro e levantou-se deixando-o na sala e voltando momentos depois não o encontrou.

Teve depois de ir á gaveta de um pequeno toucador ver duas braças de coral e não as encontrou, porque já as tinha levado o tal *vulto proeminente da decantada companhia do olho-vivo*.

—E' preciso muito sentido nesta companhia, a policia deve andar sempre na pista della.

—Agora, principalmente, que se approxima a Páschoa e elles querem passar vida folgada e milagrosa.

—Os ladrões andaram passeiando, no domingo á noite, no telhado da casa do Sr. Valasques á rua da Oração, freguezia da Sé.

—E' bom registrar estes factos, a ver si desperta quem tem obrigação de velar pela segurança individual e de propriedade.

—Oh, que diabo!

So a patrulha não se encommôda com este infernal berreiro!

—Passou pelo becco do Açougüinho e nem caso!

—Tres endiabradas meretrizes, depois de se embriagarem em um botequim á Estrada Nova, em companhia de alguns adoradores de *bellezas impuras*, vem para casa ao Maciel de baixo nº 53-G, á uma hora da noite, e parecem querer deitar a casa abaixo, batendo com os pés e atirando os trastes, accompanhando ás obras com palavras immundas.

—E a um deu a bebedeira para querer atirar uma das *heroínas* pela saccada.

—Muitas familias accordaram sobre-saltadas.

—Felizmente serenou a matinada. O vinho está produzindo effeito. Os campeões lancam o que tinham no buxo.

—E depois irão dormir provavelmente

—Foi espancada na Baixa dos Sapateiros uma escrava do Sr. Manuel Ignacio de Souza Menezes.

—Dizem que por uma escrava do Sr. Guilherme Munford, á mandado da mulher deste.

—Rixas de vizinhança.

—Eu la disse não sei. Si trago o facto é para mostrar o atrazo em que vae esta terra.

Uma rapariga fraca, doente, é agredida por outra forte, robusta, corpulenta, que atira-a ao chão, rasga-lhe a roupa e a põe em estado indecente. Uma chusma de espectadores presenciam o facto e impassiveis saboreiam tão deponente scena, como si fossém dous gallos que estivessem a brigar.

—E a policia?

—Niçlis.

—Eis como entende a policia que se faz serviço em regra:

Cercou, na sexta-feira, a casa do africano Benedicto, á freguezia de S. Pedro, rua do Duarte, para prender duas mulheres ali moradoras, que haviam brigado, e apesar do pobre preto dono da casa nada ter com isso, arrombaram-lhe o quarto e deram-lhe a cair!

Onde ja se viu isso?

—E' sempre assim. Quando não pratica desatinos, dá desfructes.

No domingo, brigava uma negra de empa-

das com um sujeito, por causa de duas patacas na porta de S. Francisco. A policia chegou e foi dando bordoadas, em lugar de prendel-os; o povo reuniu-se; apupou os soldados.

O homem tomou para um lado e á negra para outro; e os cujos ficaram como *cabra-cega procura quem te deu*.

—Faz medo andar de noite na rua.

—Tem receio dos ladrões? Por isso não; elles andam ali com o sol bem alto.

—Por causa da enormidade de cães que vagam sem dono, á investir sobre a gente.

—O Evaristo está ali para dar cabo delles.

—Mas eu não vejo.

—Nem é preciso.

—Porém o publico está sujeito a soffrer. Hontem foi mordido um menino no Terreiro, e com o calor que reina actualmente, ha risco de acontecer cousa mais grave.

—Em todo caso, si quer, vá á policia pedir providencias.

Á PEDIDO

—Quem é aquella mulher, que entrou na capella de S. Bernardo?

—Ignoro.

—Vem sempre todas as noites accompanhada de um soldado de cavallaria.

—Que horas são estas?

—Dez. São as horas em que ella costuma vir, e entra sempre pela porta principal da capella.

—Eu supponho que deve ser alguma *devota de S. Lourenço* que vem fazer *penitencias*.

—E grandes *penitencias* faz ella!

—E' verdade! Quando acaba o seu acto *penitencial* é de madrugada!

—Va ver que barulho é um na porta do *Estevão* a rua dos Caldereiros.

—Não é nada. Apenas algumas arrobas de carne secca que iam paulatinamente de um armazem para a venda de certo taful, cuja mania de fazer fortuna é comprando *generos baratos*.

—E para comprar barato, é preciso ser roubado.

—Aqui-qui!

—O *Pereira* que sabe destas cousas, poz-se na moita e agarrou o conductor ao passar pela porta do *Estevão*.

—Sabe-se quem era o comprador?

—Ainda que si soubesse! Esta gente anda sempre *cunhada*, e encouraçada!

Sr. redactor.—Lendo em os numeros 479 e 480 do seu conceituado periodico, de 12 do

corrente, uma algaravia—*à pedido*—garatujada por um miseravel, que, relatando um facto que se deu no quartel de policia, em vez de dar a sua authoria ao official que o praticou, e que todo corpo policial sabe e muita gente não ignora quem é; entendeu dever-me molestar, terminando os *seus apontamentos* com dizer—que tudo ficou em segredo como si estivesse sepultado em uma *cova*; escrevendo a palavra *cova* em italico. Eu, sendo official d'aquelle corpo, e tendo o appellido de Cova, entendi, que devia provocar a quem quer que, como o sicario, que se occulta nas trevas, acobertado com a mascara de anonymo, entende que deve deturpar a honra alheia, tisonando-a com o immundo carvão da calumnia. E pois, neste proposito, Sr. redactor, desafio, e provooco soberanamente a esse vilão para que, si tem um vislumbre de honra, se apresente descoberto, e diga si esse negocio repassado de miserias teve a minima relação attinente a mim, cuja humilde pessoa tendo por timbre zelar a sua reputação e esforçar-se no fiel cumprimento dos seus deveres, não se quer de certo medir pela bitola d'esses entes ignobeis e miseravelmente tanchos, cuja vida, sendo uma verdadeira ulcerera moral, manifesta-se todos os dias da guerreetypada em seus actos de ignominia essencialmente crapulosos.

Rogo-lhe, portanto, Sr. redactor, para desafronta de minha dignidade e reputação de homem publico, unicos bens que possuo, e que jamais deixarei que impunemente sejam atacados, a impressão destas linhas.

Bahia 13 de março de 1869.

José Placido de Guimarães Cova, alferes.

EPIGRAMMA.

Adocendo da lingua

O *Paranhos*, mandou chamar,
Um doutor seu conhecido
Acostumado ao curar.

O doutor examinando
A lingua de seu doente;
Disse a este—vou ver ferros
Para cortal-a bem rente.

Que uma lingua como a sua,
É ao mundo mais fatal
Que um copo de veneno,
Que um buido punhal. *Trem de paz.*

João da Silva Arouca, declara que o barulho entre sua amasia e a de seu compadre Jesuino Francisco de Mattos Alhambra, não foi por causa de brochas e pinceis, e sim pelo que passa a expor.

O annunciante tomou uma obra de pintura

fora da cidade, para a qual levou seu compadre Jesuino á trabalhar.

Por common accordo ficaram juntas as duas mulheres. Na volta porem veio encontral-as em desavença. O annunciante tratou de retirar-se incontinentemente; na occasião porém de o fazer, a amasia de Jesuino, qual furiosa tarasca, depois de cobrir de mil improperios a ambos furiosa lançou mãos de tijollos soltos que haviam na salla e os foi arremessando, fazendo diversos ferimentos e contusões no annunciante e sua companheira; ficando esta gravemente ferida.

O Sr. subdelegado compareceu á chamado do annunciante, mas entendeu que devia mandal-o preso, em satisfação ao publico (?!..) dizem.

Esteve preso cinco dias, no fim dos quaes foi solto, apresentando-se-lhe uma conta de 18\$ rs., de despezas do processo a ex-officio que se lhe ia instaurar.

Foi o que se passou e que o annunciante publica para rectificação da verdade.

CHULA DE UM APRECIADOR.

Eu conheço uma creoula
Que é dengosa e requebrada,
Que quando revira os olhos
Põe minha alma espedaçada.

Quem quizer ver o que é bom
Venha ver cá na Bahia:
Ha creoulas feiticeiras
Cheias de galanteria.

São frescas e bellas,
Quero ser por ellas
Bem pisado,
Bem torcido,
Bem chupado,
Bem lambido.

Disse um padre mestre
Que isto é bom bocado,
Que regala a gente
E não é peccado.

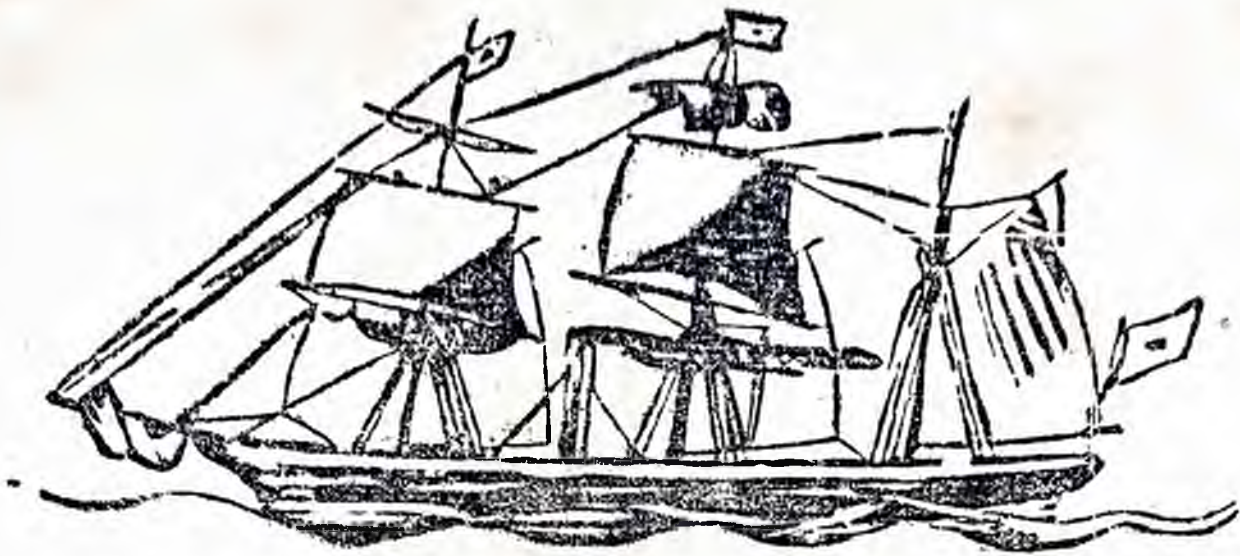
Tem feições encantadoras,
E uns dentes preciosos,
Tem crescidos sobre o collo
Doces fructos saborosos.

Quando ellas passeiam,
Tem certo rebollo,
Que tontecia a gente,
Ataca o miollo.

São frescas e bellas,
Quero ser por ellas.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 16.^a e 17.^a folhas do
ROCAMBOLE.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 49.

Preço d'assignatura — 1\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

19 DE MARÇO DE 1869.

Ns. 482 e 483.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
18 de março de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que, na noite de 14 para 15 do corrente, foi raptada da casa de sua bisavó a africana Felisberta Coelho, moradora á rua dos Capitães, por um creoulo barbeiro de nome Olavo, que ha no largo do Theatro, Amalia Maria da Fé, parda, menor de 17 annos. Consta que o subdelegado ja tem sciencia do facto; mas como ignora-se as providencias que tem havido a respeito, pede-se a S. S., confiado no seu character justiceiro, que tome as medidas que julgar conveniente para o desagravo da lei e da moralidade.

—Capitão, acaba de dar-se um desses factos que reclamam toda energia da authoridade.

—Diga qual foi.

—Hontem, 17, foi raptada da rua da Lorangeira, freguezia da Sé, uma creança de 11 annos.

—Consta que fôra estuprada e acha-se no 2.º andar de um sobrado, ao Guindaste dos Padres, por cima do escriptorio do Sr. Balens, supponho.

—Estou certo que as authoridades, a quem compete velar pela moralidade publica, procurarão desafrontar a lei.

—Que horas são?

—Duas da tarde.

—Acaba de morrer um homem desastrosamente.

—De que maneira, meu Deus?

—Precipitou-se do 2º andar da casa n.º 59, á ladeira da Fonte dos Padres.

—Que loucura!

—Era um velho, creoulo, maior de 60 annos; tinha accessos de alienação; achava-se só em casa.

—Deus lhe dê o repouso eterno.

—Que terra, santo Deus!

—Um moribundo á expirar na rua e ninguem se comprdece delle!

—E tão perto da santa casa!

—Cahiu aqui ao sabir do Terreiro, ás 4 horas da tarde e ás 8 da noite, ainda ninguem o soccorreu.

—A gente do olho-vivo não dorme!

—Presentiram hontem, 17, que o dono do armazem por baixo da Recreativa sahira com 3:000\$ rs. e á noite, munidos de escadas, foram dar na casa do homem.

—Ao ouvirem porém os passos da patrulha, que se approximava, largaram-se.

—Ora esta companhia do gaz bigodeia completamente com o publico!

Faz pasmar!

—Arrei Já cança fallar!

—A ladeira da rua da Oração tem um unico lampeão, o de n. 323 que é acceso constantemente ás 7 horas o meia.

—É muito zombar!

—É o povo, que paga para tudo, soffre paciente mais esta logração.

—E por fim, quando se falla, os taes Srs. accendedores ficam todos amuados e vão tomar satisfações aos empregados da officina.

—Este collegio anda ás mil maravilhas!

No tempo de quaresma é de obrigação haver duas missas por dia, e na terça-feira não houve côro, nem missas; na quarta houve apenas uma missa.

—Eu estou que o arcebispo ignora esse deleixo, que vai pela sua cathedral.

—Então, neste caso, é bom levar-se ao conhecimento de S. Ex. Revma. para que appareça alguma providencia a respeito e não estejam os cobres dos cofres publicos sendo inutilmente esbanjados.

—Acho bom!

—Afogou-se no dique uma rapariga de 25 annos, escrava do Sr. Teixeira.

—Diz o *Jornal da Bahia* que, pelo exame a que se procedeu, conheceu-se que não havia lesão no corpo.

—Entretanto, o que lhe affianço é que ella não se atirou ao dique pelo simples desejo de acabar com a vida.

—Preezas da companhia do olho-vivo.

O celebre Tranquillino, que ainda ha pouco andou pelos telhados da cidade baixa, surripou hontem á tarde algumas libras sterlingas de um estrangeiro. Quando foi preso, fez bravuras; resistiu e quiz dar pancada.

—São audazes de mais!

—A impunidade, com que essa gente está acostumada a ver passar suas façanhas, cada vez mais os anima.

—O regulamento militar soffreu alteração?

—Não sei disso, não.

—Sei-o eu.

—Innovações de sua cabeça.

—Ora va ouvindo:

Um soldado delinque; trancam-no em quarto escuro á pão e agoa, por um, dous, tres, quatro dias, conforme o delicto; é do regulamento?

—Um abuso que se dê em Latronopolis

não é regra. V. não sabe que aqui tudo é ao inverso das mais partes?

—Está onde vai o meu engano. Julguei que aqui, como em toda parte, se observava á risca a lei.

—Olhe que Vv. são uns caçadores de novidades sem assumpto; matando seu cavallo por tão pouco!

—Hoje ha procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos na capella do Boqueirão.

—Deve haver grande concorrência de fleis.

—As creoulas e beatas de capona não é preciso convidar. Ellas não farão sentir suas presenças.

CARTA

DE SAUDAÇÃO AOS SAPIENTISSIMOS LENTES DA IMPERIAL-ESCHOLA DE MEDICINA, DESTA CIDADE.

Allopaticos senhores.

É mister que no principio d'este anno vos dirija uma saudação em louvor dos grandes beneficios que tendes prestado á humanidade em geral, e em particular aos vigarios, e armadores do nosso paiz; vos mereceis os titulos de patriarchas da nação, em virtude dos serviços que tendes prestado em apresentar todos os annos tão habeis doutores, feitos nessa academia; em um tal progresso, é de esperar que em pouco tempo a morte, combatida por esta legião de doutores, desapareça inteiramente do seio da terra, e então, por esta forma, acabadas as molestias mortaes, vos empregareis unicamente em arrancar dentes, partejar mulheres, cortar umbigos etc., etc. As boticas tornar-se-hão cazas de conversa e recreio, e os hospitaes fabricas de saúde.

É com tudo digno de observar-se, e com lastima, que tendo a medicina chegado aos xifres da perfeição, ainda se não descubrissem remedios efficazes para curar certas molestias que tão prejudiciaes se tornam na sociedade e que talvez vos tenhaes esquecido de classificar-as, e taes são as seguintes:

No sexo feminino costuma apparecer uma doença, (muito vulgar no nosso paiz,) e é assas prejudicial, que vem a ser--a Cazamentitis intença--doença muito forte, que ataca a certas moças com grande irritação de nervos, de sorte que entram a gritar, a se praguejarem e só correndo para as janeillas.

Outra molestia temos observado que apparece vulgarmente nos rapazes que vão á Europa, e tambem em alguns officiaes de marinha, talvez por tomarem ares de diversos climas: é chamada esta molestia--Parolites aguda--o deente que a soffre tem sempre comsigo uma segura de contar pêtas nas sociedades ás senhoras, apresenta muita facilidade em fazer promessas, mas de repente varia com a febre, e nada cumpre. Os doentes de parolites devem ser curados com as unturas de cêbo, e um siringatorio de xurrio. Na França, esta molestia é quasi geral nos bailos e reuniões de corte, e quasi sempre accompanha a este mal outra enfermidade que padecem os petimetres chamada--macaquitis-pelintra--desta ultima temos entre nós alguns doentes bem achacados, os quaes gastam continuamente muitas pomadas e linimentos aromaticos da betica do Alipio.

Eis aqui pois, senhores, quanto posso nesta occasião communicar-vos do resultado de minhas observações, recommendando-vos que tenhaes em vista as referidas molestias que presentemente affligem a nossos concidadãos.

(Extr.)

CORRESPONDENCIA PARTICULAR
DO ALABAMA.

PARIZ 25 DE FEVEREIRO DE 1869.

Desde que aqui cheguei, não me tem sido possível escrever-lhe em consequencia da molestia de que vim soffrendo e que ainda me persegue, si bem que menos apurada.

Desejava descrever-lhe tudo que ha de notavel nesta Babylonia moderna, para V. abysmar-se, porém a pressa, com que faço esta, não me dá logar e apenas lhe direi a respeito duas palavrinhas.

Ao saltar no caes, que é todo de bronze e cheio de arcadas de metal do Principe, não sei como não enlouqueci de admiração; ao depois fui vendo as ruas calçadas de aljofares; as casas com portas de marfim; janellas de vidro de grau, que ao olhar-se para ellas, parecia esconder-se a gente por dentro; as feixaduras galvanizadas de ouro, as paredes de um colorido celeste, o telhado todo de pães de assucar das colonias americanas; enfim, não encontrava senão soldados granadeiros, marechaes do imperio, senadores, duques, magistrados, homens de corte, etc., etc. Isto quanto aos homens. Divertimentos dos mais raros e exquisitos a cada canto, como fossem: gatos pulando para o ar; realejos tocados por macacos da Africa; cabritos dançando cancan; cachorros empinando arraia, e outros muitos semelhantes.

Quando me entranhei pelo centro da côrte, espantei-me dos palacios maravilhosos e mais que tudo de um que tem de extensão 15 mil braças; esse edificio contém 4000 janellas, 500 portas e em cada uma um soldado de sentinella; me parece, meu charo, que si eu ali entrara, certamente não sahira mais.

Ja tenho aqui encontrado muitos dos nossos patricios, principalmente doutores em medicina, que vieram se rebocar porque foram tão mal construidos, que, si tão depressa aqui não chegam, se demoliriam. Aqui, me disseram elles, é que viemos conhecer um pouco de medicina, pois que até então nada sabiamos, apezar de que não havemos de queimar muito as pestanas, porque basta que la na Bahia tenhamos a fama de que visitamos as academias de França para sermos muito sabios.

Si V. aqui estivesse e visse como lordeia um desses nossos patricios, que, quando ali chegam, alardeam de fidalgos e de sabios, ficava de bocca aberta!

Passando a outro assumpto, consta que ultimamente, n'uma escavação que se fizera no Egypto, fôra encontrada a caveira e toda ossada do nosso pae Adão, ainda com alguns nervos e resto de pelle nos calcanhares e que

tinha um grande callo procedido da enorme tamanca com que andava no paraizo. O esqueleto foi conhecido pela grande cabeça, a qual, sendo apresentada á eschola de medicina de Milão, reconheceu-se unanimemente que, segundo os principios de Lavater e Gall, não pôdia pertencer a outro, que não fosse o pae do genero humano: tinha a bocca de simplorio, indicava ter possuido um grande nariz, porque ainda se achavam os vestigios das volumosas ventas que formavam duas cavidades, nas quaes ainda se divisavam restos de tabaco de pó, de que fazia uso; a bocca ainda conservava os dentes limados, o que mostrava que os aguçou para poder roer o fructo prohibido, é para admirar que, achando-se todos os ossos, apenas se deu por falta de uma costella, que se suppõe ter sido a que lhe foi tirada para a formação de Eva.

Aqui páro. que o paquete vae fechara mala; no seguinte lhe contarei boas cousinhas do que ha por cá.

No mais creia que sou sem perigo

Correspondente e amigo

Manuel de camisola

Que usa sapatos sem sola.

LA VAE VERSO

Ver com cara deslavada
Passejar um reu na praça,
E' progresso desta terra
E' luxo, é belleza, é graça.

Contar, com vivo interesse,
As grandezas que outro passa,
E' prazer de alguns poetas
E' luxo, é belleza, é graça.

Pode um ladrão ser barão,
Mas no povo não desfaça;
Que o ser fidalgo hoje em dia
E' luxo, é belleza, é graça.

Certo Dr. guarda os livros
Para sustento da traça,
Um burro de carga é sabio;
E' luxo, é belleza, é graça.

Ser hoje rico é ser grande,
O ser pobre é so desgraça;
Pregar calotes é moda,
E' luxo, é belleza, é graça.

Um Dr. p'ra diarrhea
Deu purgante de potassa;
Mandar os outros p'ra cova
E' luxo, é belleza, é graça.

Estudante ao pé do moças
Sempre diz sua chalaça;
Andem la, que todos gostam,
E' luxo, é belleza, é graça.

TRANSCRIPÇÃO.

LITTERATURA.

Frei Bastos.

A ordem Seraphica de S. Francisco da provincia da Bahia pertence a gloria de ter por filho o padre-mestre pregador regio Fr. Francisco Xavier de Santa Rita Bastos, que nasceu na cidade de Maragogipe da mesma provincia, morreu no anno de 1846 na cidade da Bahia e jaz sepultado no claustro do convento de sua ordem.

Fr. Francisco Xavier de Santa Rita Bastos foi um dos maiores oradores sagrados do seu tempo.

Era eloquentissimo em seus sermões e por sua vasta erudição e facundia conseguia prender a attenção do auditorio, que nunca se enfastiava de o ouvir, antes pelo contrario, sempre o escutava com attenção e prazer. Por mais grandiosa e solemne que fosse a festividade, o padre mestre Frei Bastos não hesitava em aceitar o sermão, qualquer que elle fosse, ainda que entre a solemnidade e o convite medcassem poucas horas. Tinha uma memoria prodigiosa e para comprova-lo citaremos este facto:

Para uma festa de Nossa Senhora do Rosario, da baixa dos Sapateiros, foi elle rogado a orar ao Evangelho, e ao *Te-Deum* devia orar o vigario da Saubara. Na vespera da festa, o orador do *Te-Deum* veio ao convento de S. Francisco, leu a Fr. Bastos o sermão que pretendia pregar, e, perguntando sua opinião, elle respondeu que o achava excellente. Chega o dia da festa, sobe Fr. Bastos ao pulpito, e prega *ipsis verbis* o sermão que ouvira ler ao vigario, orador do *Te-Deum*; este ficou desapontado, e procurou-o dizendo: então, Sr. padre-mestre, V. C. pregou o meu sermão, e o que hei de eu fazer agora?

E' verdade, Sr. vigario, que preguei o seu sermão, eu não lhe disse que o achava excellente? agora o Sr. vigario pregue o meu, aqui o tem! O vigario encavacou e Fr. Bastos subiu de novo ao pulpito e orou ao *Te-Deum*. Não foi o espirito de ganancia que o induziu a fazer isso, e sim o desejo de ostentar profunda erudição e memoria.

Garantimos a veracidade do facto que acabamos de narrar, que altamente comprova a memoria feliz e prodigiosa do famoso athleta da tribuna sagrada.

Fr. Francisco Xavier de Santa Rita Bastos era não só um orador sagrado de notavel merecimento, como poeta, que tocava ao sublime e ao baixo. Escreveu um poema dedicado ás chagas de S. Francisco, que, na opinião das pessoas que tiveram a fortuna de o ler e que

eram competentes na materia, confessam ser uma produção soberba. O Dr. Manuel Jose Cardoso Junior encarregou-se de o mandar imprimir em Coimbra, levou-o e perdeu-o infelizmente.

Si, como orador sagrado e como poeta, Fr. Bastos tocava ao sublime, e grangeava o epíteto do Bossuet brasileiro; como homem, embrenhava-se e perdia-se no lodagal dos vicios.

O jogo era sua paixão favorita.

Um dia estava elle jogando uma partida em dia da festa do glorioso padre S. Francisco; orago do convento de sua ordem, festa que era feita com arrojada pompa, e na qual pontificava o arcebispo D. Fr. Vicente da Solidade.

Era elle o orador ao Evangelho; eis que o chamam para subir ao pulpito. Pega precipitadamente no baralho de cartas e esconde-o na manga do habito. Sobe ao altar, recebe a benção do arcebispo, que era o celebrante, e surge no pulpito. Diz o thema e começava o exordio, quando a um accionado derrama-se o baralho de cartas no meio do auditorio. O successo e o espanto foi geral.

Elle não se perturba, pára por curtos momentos, e com a maior calma chama por um menino que se achava junto ao tapa-vento e que teria, quando muito, 6 annos de idade, ordena-lhe que apanhe as cartas, e á proporção que as fosse levantando dissesse em voz alta o nome d'ellas. O menino obedece, e a proporção que apanhava dizia: -- az de ouros, rei de páus, valete de espadas, dama de copas, e assim por diante até a ultima; mandou de pois que as contasse e perguntando se estavam certas, o menino respondeu pela affirmativa. Ajoelhe-se e rese o credo; o menino não sabia resar.

Fr. Bastos alça os vãos da eloquencia, e faz sobre os vicios e a educação religiosa da mocidade o mais estupendo sermão, arrancando applausos do luzido auditorio, que o escutava, e que ancioso aguardava o resultado daquella scena, cujo desfeixo não podiam prevêr.

Ainda outro facto: achando-se no convento de Pernambuco, subtrahiu algumas alfaias valiosas, e, vendo-se perseguido pelos religiosos, fugiu para a côrte em companhia de uma cabocla, afim de implorar de El-rei o perdão de seu crime.

Achava-se um dia sentado na botica do Carmo, apparece-lhe um sujeito, e o convida para pregar em uma esplendida solemnidade que nesse mesmo dia e quasi na mesma hora teria logar na capella real, porque, havendo adoecido repentinamente o orador, nenhuma

outro se queria prestar a substituí-lo por falta de tempo para o estudo; Fr. Bastos acci-ta o convite, tomando por condição somente o perdão do crime em que se achava incur-so. A pessoa que o convidara, gozando na corte da maior consideração e prestígio, ga-rantiu-lhe o perdão e o levou consigo. Entre o convite e o sermão medcaram apenas 3 horas.

A capella real do Rio de Janeiro estava completamente cheia. El-rei, a corte e tudo quanto havia de grande, não faltou. Eis que apparece no pulpito o padre-mestre Fr. Bas-tos, o Bossuet brasileiro, saúda a El-rei e faz um bello sermão em que a eloquencia sagra-da tocou ao sublime.

El-rei perdoa-lhe e o nomeia pregador re-gio, honra esta, a que naquelles tempos se li-gava a mais alta importancia; era o brasão do talento oratorio, porque só d'elle gosava quem fosse orador sagrado de extensa nomeada; por quanto, pregador regio, era synonymo de ora-dor!... Para Fr. Bastos foi de grande valor esta nomeação, porque o allviou do carcere do convento, onde vivia a maxima parte da vida, pelo seu desregramento.

Vamos ainda referir um factó que altamen-te comprova a memoria e o talento de Fr. Bastos. O arcebispo da Bahia, antecessor do finado marquez de Santa Cruz, possuia uma obra volumosa e de raro merecimento, es-cripta em francez; emprestou-a a Fr. Bastos, elle leu-a, e tendo pouca cautela, perdeu o precioso livro.

O arcebispo pedia-lhe o livro com instan-cia, sem que Fr. Bastos o podesse dar por que o não tinha, até que afinal vendo-se tão perseguido pelo prelado, entregou-lhe a obra em manuscrito, pelo seu próprio punho, escripta de memoria.

Fr. Bastos, durante sua vida, pregou com geral applauso na sua provincia; ondè ainda hoje é seu nome lembrado com sandade. Em uma festa em que devia orar na villa de Ja-cobina, antes de subir ao pulpito, apanhou um ar que o tornou paralitico; assim mesmo dic-etava sermões, e vendia-os a quatro mil reis.

À PEDIDO

AHI VEM.

Toquem adufos, tambores,
Toquem caixas, charamellas,
Ponham colchas nas janellas,
Preparem arcos, andores,
Cubram as ruas de flores,
Que não tarda o general,
Esse rei dos brigadores,
De Marte o invicto rival!
Lopez foi p'ra serranias,
Relazer-se da derrota,

Sem exercito, sem frota,
Entre ancias, entre agonias.
Volta as costas ao Caxias!
—A guerra está terminada!
Vão raiar mais bellos dias,
Nesta terra malfadada!

Salve, oh! genio da victoria!
Salve, oh! rei d'evacuacões!
Fizestes pasmo ás nações;
Espantaste a propria historia;
Erguestes padrões de gloria,
Nesses paúes tenebrosos,
Fundos negros horrorosos,
Que eterna deixa memoria!

Nossos soldados valentes,
Nossos valentes guerreiros,
Esses bravos brasileiros,
De outros bravos descendentes;
Esses guerreiros ingentes,
Nada são, e comparados,
Aos teus feitos transcendentos,
Ficam de todo offuscados!

Bravo dos bravos, valente
De antes quebrar que torcer,
De antes voltar que morrer,
Ahi volta alegre, contente,
Apressado e diligente,
Em busca do patrio ninho,
..... e mais gente,
Para não voltar sosinho.

Toquem adufos, tambores,
Toquem caixas, charamellas,
Ponham colchas nas janellas,
Preparem arcos, andores,
Cubram as ruas de flores,
Que não tarda o general,
Esse rei dos brigadores,
De Marte o invicto rival!

X. P. T. O.

(Da Opinião Liberal.)

- Capitão, ás suas ordens.
- Não estou para ouvil-o; pode retirar-se.
- Seja um pouco paciente, capitão.
- O que pretende?
- Fallar-lhe do *Par-de-aranhas*.
- Seja em poucas palavras; ja me aborrece ouvir fallar de tão enjoativa creatura.
- V. Ex. perfeitamente sabe que o pau, que nasce torto, tarde ou nunca se indireita. *Par-de-aranhas*, logo na infancia, mostrou o que havia ser no futuro.—Camello como trinta!

Por isso não me admira, quando o vejo a dar por paus e por pedras, e a razão é, que quem foi mau estudante de mathematicas, nunca será bom engenheiro.

Ora, é sabido que o tal homemzarrão foi reprovado duas vezes nesse ramo; tanto que não ponde seguir, como pretendia, a carreira da armada, e por *misericordiam Dei* encar-tou-se na engenharia...

—N'um engenho precisava estar elle tan-gendo burros.

—E até hoje ignora-se onde ponde arranjar a carta, e mesmo duvido que a possa apresentar.

—E' verdade que ha por ali homens, que não andam á quatro pés, por misericordia divina. Elle pode muito bem entrar no numero destes.

—O caso é que, silaucioso como elle, ninguém.

Eu o julgo capaz de tudo.

—Não exagere.

—Pois ha que fiar n'um homem que se serve do reposteiro para intrigar miseravelmente a seus subordinados com o governo?

Um homem, que, por bibocas e botequins, anda a depor dos mais, inculcando-se somente de honrado; um homem, que abre a repartição á noite, para mostrar a estranhos a correspondencia official reservada, afim de arrogar grande prirança e influencia?

Ora adeus!

O que julga V. Ex. do caracter de tão mequinha creatura?

—Julgo que V. é um massante, que me vem tomar o tempo com bugiarias.

—Vamos á *Quinta das Devotas*?

—Fazer?

—Ha pagode.

—Não sou de pagodes.

—E' cousa de apreciar-se. Um candomblé.

—Ainda peor! Não quero vir ajojado.

—Não se assuste; a policia é de casa.

—De casa é rato, meu rico.

—Quer dizer que estamos garantidos.

—Ou eu não lhe entendo, ou V. não se quer fazer entendido.

—Mais claro? O dono da casa é do seio.

—Da policia ou do candomblé?

—Uma e outra cousa.

—Ora, sempre é policia a de Latronopolis que se envolve em candomblé!...

—Até gente de galão.

—Está direito!...

Mas eu não quero, ao transpor a porteira, ser agarrado; não vou lá.

—Não se entra por porteira; é por uma porta pequena.

—Uma *portella*.

—Justo.

—Com tudo va só, que eu ca me fico.

—Então, adeus.

—Divirta-se.

—Ora, para o que havia de dar a estontada cabeça do *Par-de-aranhas*!

—Tambem V.?

—Porque não?

—Pois olhe; a pelle do pobre homem não

é roupa de francez, para cada um tasquinhar seu pedacinho.

—Mas é pau de mocher besta.

A tal cabeça, como dizia, é o terreno mais fertil para produzir asneiras.

Benza-te Deus!... Toma sigão!

—Cõitado! Um cão damnado, todos a elle!

—Não lhe pareça; as vezes a possessa creatura tem accessos de hydrophobo.

Mas não esteja V. Ex. a se penalizar por quem não tem pena de ninguém.

—Senhor, entre na materia, e não me esteja a-empatar.

—Vou entrar.

Pois o homem não entendeu na sua fermentada cachola, de a seu arbitrio reformar e regulamento do *trem de paz*?

—Qual! deixe lá disso! Elle não é capaz de infringir o regulamento.

—Então, como creou um logar de enfermeira que cura os *pequenos* até 18 annos, quando não ha disposição para isso no regulamento?

—Peta sua! Os estatutos mandam que os *pequenos* desta cidade se tratem fora do *trem de paz*; isto é, no hospital militar.

—Mas elle não faz caso de estatutos; diz que tem carta branca.

—Caxias 2.º!... podia ir para o Paraguay commandar o exercito na falta do primeiro.

—E' um gosto ver a tal enfermeira: especie de irman de charidade, com seu galbinho de arruda na mão. Si V. Ex. a visse ficava de queixo cahido.

—Va bugiar!

—O caso é que, ha pouco, mandou ella um *pequeno*, que tinha uma chaga na perna, ceiar com os anjos.

O remedio favorito da tal curujona é folhas de larangeira da terra e vinte gottas de laudano.

—Está boa esta! Com isto lembrou-me agora de uma velha, feia, magra e lanzuda, chamada tia Maria, do romance o *Sargento de Milicia*, publicado no Rio de Janeiro.

—Capacita se agora que elle é capaz de virar aquelle *trem de paz* de pernas ao ar, á despeito do regulamento?

—Não quero saber de nada, quero tão somente que empine-se. Até ao depois.

—V. que é um fura-bolo, será capaz de descobrir uma cousa?

—Vejamos.

—Quero que me descubra por onde anda um labrego, que acaba de desgraçar uma rapariga brasileira, creoula, que cahiu na reverendissima asneira de ir atraz das campor-tas do tal mariola.

—Pelos indícios, é bem possível.

—É um machacaz, cujo fardo presentiu que a rapariga tinha vendido uma casinha e estava com o diuheiro em ser. Entrou a fazer-lhe roda e tanto cantou que cahiu de dentro. Por meio de arguecias, conseguiu que a incauta deixasse a casa onde morava e fosse habitar na da sogra d'elle, á rua das plantas cheirosas.

—Então é casado?

—Viuvo.

—E a sogra consentiu?

—Podera não! A sogra, uma perfeita *abelha mestra*, consummada *onze-lettras*, experiente veterana do antigo Caes Dourado, adextrada a despojar os marinheiros, que lhe cahiam nas unhas, do que levavam no tempo das viagens da Costa, concordou, com vistas de tirar algum resultado tambem.

—Prosiga.

—O labrego, que só tinha em mira arranjar da rapariga os cobrinhos, foi a engabelando, até que, certa noite, apanhando-a dormindo, safou-lhe as chaves d'arca e roubou-lhe 1:000\$ rs.

Elle, que nem o que vestir tinha, pois que as calças com que andava eram de uma lavadeira, a qual comprando uma libra de sabão a deixara em penhor e nunca mais foi buscá-las, quando o bruto era caixeiro de uma venda do *Maciel*, comprou logo uma casinhola de taipas, lá para o fim da *Estrada Velha* e surtiu uma vendola de *enxutos e humidos*.

Quando a rapariga conheceu que estava roubada, e isto já passado mais de mez, bradou mais que o preto do leite; o gallego porém, fertil em astucias, soube illudil-a e acalmal-a, dizendo que aquillo era para elles mesmos, e como ella visse que braço cortado não tem remediõ accomodou-se.

Tirou-a da casa da sogra e levou-a para a tal baiúca da *Estrada Velha*; porem, como lá a maltratasse insolitamente com pancadas, a rapariga levantou acampamento, e veio para o *Paço da rua*.

O gallego era uma sombra sinistra, que acompanhava a creoula onde ia; viu que a *mina* não estava de todo explorada e que o osso ainda tinha o que roer; era preciso concluir.

Beiron, beiron, cantou, chorou, illudiu, fez mil juras e, como mulher assemelha-se ao besouro, cedeu.

Apezar de já andar um pouco escabriada com o larapio, foi se deixando levar por suas palavrinhas doces, até que na segunda-feira ultima, elle apanhando-a de geito, deu-lhe segunda vez na arca e levou todo o ourinho.

—Que sevandija! que ladrão!

—Tenho aqui a lista do que o ladravaz roubou.

Um roزاریo, cruz e borla de ouro, com 26

e meia oitavas, um crucifixo com 11 oitavas e tres quartos, 1 par de pulseiras de conchas de ouro massigo, 4 varas de colar, 2 varas de cordão, 1 transelin de filigrana e caixa de relógio.

—Armou-se completamente.

Si ao menos se podesse prevenir aos ou-rives!

—Tão tolo não é elle para ir offerrecer agora.

O que é preciso é descobri-lo.

—Mas como?

—Não lhe disse que tem uma biboca na *Estrada Velha*?

—Si fosse na Estrada Nova, o *Dionisio* que tem venda lá me daria novas d'elle.

—Frequenta casas de jogo.

—Ahl então o *José* que tambem é apreciador da cousa, me poderá informar.

—E é inseparavel de um *carneiro*.

Estes esclarecimentos parecem sufficientes, com o tino que V. tem, para descobri-lo.

—Vamos a ver; não ha de ser por falta de diligencia que o sebososo ladrão ficará impune.

—Cá está o Sr. *José*; ha muito que andava em busca sua.

—A razão, porque me dá essa honra?

—Para me dar noticias do *Zephirino*.

—Oh! esse maganão metteu-se la para o *Caes Dourado* em companhia do *Alves*, que tem feito as todas.

—Faço ideia.

Então continúa na pilhagem?

—Como nunca!

Diziam que o *Motta* era o maior tratante, o mais safado cynico, o velhaco mais relapso, o fraudulento mais sem-vergonha, o ladrão mais astuto; porem, diante deste proeminente vulto da bandalheira, fica muito aquem.

E' o primeiro.

No Caes Dourado, chamam-no o *ratazana universal*.

—E' um titulo que honra.

—Isso é em razão d'elle se occupar em todos os ramos da industria surripiente.

Rouba, ergana, illude, trapaccia, subtrahe, falsifica.

Os mais da quadrilha tem um ramo especial, elle é cosmopolita de tudo quanto é de empalmar.

Emprega á artimanha, o dolo, a fraude, o subterfugio.

Seria um famoso bandoleiro, si podesse transportar-se aos Abruzzos.

—Eu, quando lhe perguntei pela harpya, é porque ando á pista d'elle; queria saber o que foi feito da bengala de unicornes de um *benigno* rapaz.

—Ah, sabe disso?

A bengala, que custou a seu dono 80⁰⁰ rs., comprou-a o saltador a um molequo por 10⁰⁰ rs., e sem ser isso, tem mais outras cousinhas boas.

Por exemplo: alguns objectos de ouro da viuva do *Cara de todos os bichos*, que elle empenhou por uma tutemeia e depois deu-se de roubado para ficar com elles; o relógio patente do João Saveirista; os castiçoes de pra...

—Espera lá; não precisa correr; vamos por partes. Primeiro a bengala de unicornhe.

(Continúa.)

—Bom dia, capitão.

—Pretendia alguma cousa?

—Como sei que V. Ex. anda em cata dos tratantes e gosta de conhecê-los, venho indicar-lhe mais um.

—Estou a seu dispor.

—Um homem que diz ser *popular*, com loja de farrapos na *cidade do negocio*, e que affecta mansidão e paciencia de um *cordeiro*, enganou com dolo e má fé a mulher de um carroceiro.

—De que maneira?

—Vendendo-lhe um córte de chita pôdre como cisco, por fazenda boa.

—Reclamasse a troca.

—O marido foi; mas o bandalho, com incrível cynismo, respondeu que nada tinha com isso, porque quem tem seus olhos bem vê e quem se engana é porque quer; que vendeu e estava vendido.

—E' ladroeira calva.

—O pobre carroceiro, pediu, rogou, expoz suas circumstancias, mas a nada attendeu o embrutecido farrapista e só dizia—não quero saber, o cobre já está cá.

—Nada adiantam essas trampolinas.

—Dissuadido de nada alcançar, lá se foi o carroceiro com o pedaço de mulambo, praguejando o systema de lojas abertas á noite, com a mira de vender gatos por lebre.

—V. já me disse que isso se deu na *cidade do negocio*, agora a rua?

—Defronse do *Mor* que tem *gado*, na rua de *Santa Illustre*.

—Vou mandar applicar-lhe tres duzias de calabrotadas na bitacula, para que este tratante não continue a illudir aos imbecis com a sua especulação de casa aberta até 10 horas da noite.

—Nesta terra vem-se cousas!

A policia em vez de corrigir, é *corrigida*. E que correccão!

—Como foi então isso?

—Um soldado de policia que apanhou co-

mo um boi, hoje 18, ás quatro horas da tarde, no Taboão.

—E elle estava de mãos atadas?

—Além do homem estar um pouco *toldado*, eram quatro sobre elle.

—Estes policias ás vezes são tão imprudentes!

—Com tudo.

Deram-lhe tanto, que deitou sangue.

—Arrel Assim tambem foi de mais!

—E o melhor é que não foram presos.

—Mas são conhecidos.

—E estabelecidos no lugar.

—Não se afflija que estão *seguros*.

—Não sei a utilidade que ha de uma patrulha na praça do mercado.

—Afugentar os ladrões.

—Mas, si ella, permanecendo cega e surda, não os encherga, nem ouve?

Que haja policia ou não, os roubos ali se dão constantemente.

Um dia destes, amanheceu arrômbada a barraca da creoula Sophia.

Os ladrões tiveram tempo para levar duas arrobas de toucinho, cento e tantas melancias, verduras e outras cousas mais.

—E' admiravel!

—Entretanto, si ha de haver ali uma força, que de nada serve, é melhor retiral-a, por que, ao menos, cada um terá o cuidado de vigiar o que é seu.

ANNUNCIOS.

A rua do Bom-Gosto da Calçada, n.º 7, se dirá quem compra prata, ouro, e tambem dá dinheiro sobre hypothecas de qualquer especie.

Sahin á luz a walsa SYMPATHIA e a mazurka JULIETA, por Francisco Santini, author da BORBOLETA.

Vende-se em casa do author, ladeira de S. Roque n. 9, á Barroquinha; na padaria do Sr. Conde, ao Rosorio; loja do Seixas, ao Pelourinho; e na Calçada, botica da esquina do becco do Godinho.

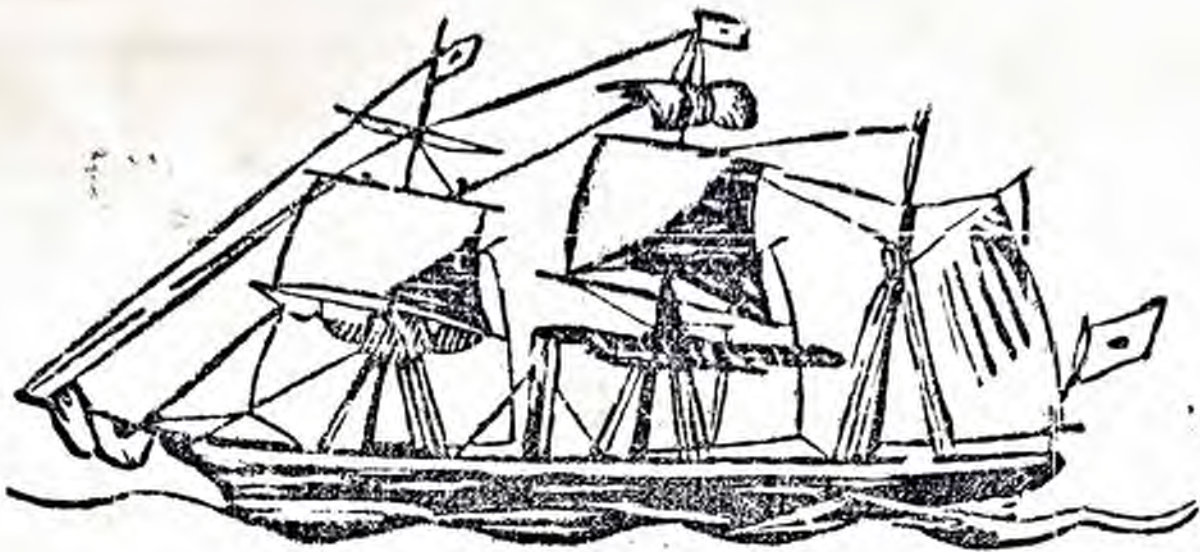
ATTENÇÃO

RUA DA LARANJEIRA N. 21.

Bandeiras de todas as nações; signaes de Mariath, Filele de cores,

Vende-se por preço commodo.

Distribue-se hoje a 18.ª folha do — RO-CAMBOLE.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 49.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

25 DE MARÇO DE 1869.

Ns. 484 e 485.

O ALABAMA.

O HORTO DE GETHESEMANI.

I.

Eram chegados os tempos; iam realizar-se as prophcias: na ampulheta do destino estava a cahir o derradeiro grão de areia; Jesus Christo ia padecer.

O sangue do Cordeiro de Deus ia apagar os peccados do mundo e prestes estava a soar a hora da redempção da humanidade.

Estremecia o inferno em seus fundamentos, vendo que lhe ia escapar a presa que tinha segura; e os anjos do ceu reclinavam as fronteiras para a terra a fim de assistirem ao espectáculo magestoso e terrível que se ia passar.

Era uma luta immensa, gigantesca, como nunca haviam os seculos presenciado: era a luta do inferno contra o ceu, da mentira contra a verdade, das paixões desencadeadas contra a moral do Evangelho, contra a cruz e os martyrios.....

Era a luta de Satanaz o maldito, que ousara no começo dos seculos erguer-se contra o Eterno, e que agora se apresentava a travar batalha contra o Christo, seu unigenito.

Era a luta da soberba contra a humildade, das paixões contra a virtude, dos prazeres contra a dor, da morte contra a vida.

Quem vencerá?

II.

Era noite.

Em companhia de Pedro, Thiago e João sahio Jesus para o Horto de Gethsemani.

Era ali que costumava orar. A' sós, longe do turbilhão do mundo, do bulicio dos homens, embalado pelo sussurro da palmeira e pelo murmurar suave do Cedron, que corria manso e tranquillo no fundo do valle de Josaphat, era ali que o espirito despreendendo-se da materia elevava-se ás regiões do ceu; que o pensamento do filho unia-se ao pensamento do pai; era ali finalmente que na oração fervorosa cobrava alentos para a obra immensa que viera realizar.

Serena e tranquilla ia a lua em meio do ceu, prateando as arvores docemente agitadas pela brisa da noite, nem uma nuvem si quer, empanava a limpidez d'aquelle ceu diaphano; e a voz da natureza, n'aquella hora solemne, parecia uentoar ma piece, uma oração ao ceu.

E Christo deixando os apostolos no valle e recommendando-lhes que velassem e orassem para não cahirem em tentação, adiantou-se só por entre as arvores que formavam o Horto.

Então a tristeza se lhe apoderou d'alma. De joelhos, com a fronte reclinada nas mãos, que de pensamentos lhe não perpassaram pela mente?

N'aquella alma tão grande como a immensidade, n'aquella coração tão cheio de amor pelo homem, vivo era o combate que se travava. Os horrores da paixão, o terror da morte, o tedio, o abatimento, a prostração d'elle se apoderaram.

A natureza humana parecia recuar na luta; enorme era o pezo que sobre ella recabria. . .

Como em um immenso espelho via o Filho do Homem desenrolar-se ante seus olhos todo o quadro das iniquidades humanas; todos os crimes commettidos desde o peccado de Adão e de Caim até o derradeiro crime no terminar dos seculos. E todo o sangue derramado no decorrer dos tempos, e todos os fratricídios, e todos os sacrilegios e todas as abominações e todos os odios e todas as calumnias e toda essa serie de perversidades e de horrores, tudo isto se lhe afigurava na mente, como outros tantos espectros terriveis e assustadores.

Echoavam lhe aos ouvidos os gritos das victimas, o vociferar dos algozes, o estrepito das orgias, as gargalhadas dos impios, as imprecações e blasphemias dos reprobos...; e de tudo isto era elle o responsavel ante seu pai, carregaria com todas essas enormidades, seria a victima expiatoria de todos esses crimes, porque sem que seu sangue corresse não seria resgatado o homem.

Mas era horrivel tudo isto; estava lhe eminente a morte alguns minutos mais... e seria preso como um malfeitor, escarnecido pela turba, insultado pelos phariseus, negado pelos discipulos; despedacar-lhe-hiam o corpo, traspassar-lhe-hiam o peito, pregal-o-hiam na cruz!

E era tão poderosa essa impressão, e eram tão vivas essas imagens, que lhe passavam constantemente ante os olhos, que prestes a natureza a succumbir, gotejando-lhe do corpo suor copioso de sangue, com o semblante pallido e os labios convulsivos, do intimo do peito o Filho do Homem soltou este grito supremo de agonia, como a explosão do abatimento, como o dilacerar pungente da dor.

—Pai! Pai! E' horrivel o que soffro nesta hora solemne; enormes são os peccados do homem; é pesada a cruz que tenho a supportar; não posso; lança para bem longe de meus labios este calix de amargura... mas si para que a humanidade se salve é mister que eu morra, faça-se então a vossa vontade e corra o meu sangue para resgatar o mundo...

E o Eterno compadecido mandou que um Seraphim do coo lhe fosse retemperar as forças e animar na luta.

E christo aceitou a cruz e a humanidade foi salva.

(Ext.)

CONSUMMATUM EST!

Filhos de Christo, consummou-so agora o horrendo crime d'Israel na cruz!
Trémula se abre a terra! o sol descora!
a igreja chora, que morreu Jesus!

Levanta o soterrado a lousa dura!
de templo augusto se espedaca o veu!
noite completa negrejou na altura!
densa negrura nos esconde o céu!

Campriram se as profecias!
entre affronta e agonias
troou da morte o pregão!
Compungida a natureza
vestio do luto a tristeza!
parou d'assombro o Jordão.
Rei, pobre, escravo, pranteia!
lava-te em prantos, Judeia!
chora, perdida Sião!

Quem deu luz a vossos olhos
por que visseis os escolhos
da vida, olhae... já não vê!..
Quem deu agua á rocha dura,
sustento á raça perjura,
que sempre, sempre descrê,
morreu no Calvario exangue,
para vos lavar com sangue
as nodoas de vossa fé!

Nem o canto d'Isaias,
nem a dor de Joremias,
te lembrou, Jerusalem!
nem foste pedir conselho
ás aguas do Mar-Vermelho,
nem ás ruas de Solem,
nem ás torpes Madianitas,
nem aos falsos Gabaonitas,
nem ao sangue de Sicheim!

Não te serviram de guia
as pedras de Samaria,
o castigo de Coré,
a Arca santa da alliança,
a soberana pujança
do braço de Josué,
nem Dalila. a má serpente,
nem a serena corrente
da fonte de Bersabé!

Pois de Saul a inclemencia,
de David a penitencia,
de Salomão o saber,
d'Asalão as concubinas,
do Templo as vastas ruinas,
os magros olhos d'Esther,
não te arrancaram a venda
da tua cegueira horrenda?
não te fizeram tremer?!...

Tantos annos de tormentos,
tantos fieis monumentos
na terra como nos céus,
não dizem que o Nazareno,
tão forte, e sabio, e sereno,
era o Messias dos teus?
Pergunta ao fiel Caleb,
pergunta a sarca do Horeb,

pergunta si ello era um Deus!

D'Isaac pergunta á esposa,
pergunta á Lia chorosa,
pergunta á casta Rachel,
pergunta á formosa Dina,
ante a qual um rei se inclina!
ouve as filhas de Ragucl,
ouve Débora aguerrida!
pergunta o prego homicida
da forte, heroica Jahel!

De Moysés pergunta á vara,
pergunta ás penas de Sara,
e aos mil despezos d'Agar!
vae de Geth ás sepulturas,
vae do Thabor ás alturas,
vae a Tharé perguntar!
vê Chanaan, vê o Egypto!
e has de achar seu nome escripto
no céu, na terra, e no mar!

Que breve são esquecidos
os Lazaros resurgidos
da ingrata Jerusalem!
allivios de tantas penas!
vosso amor, ó Magdalena!
os pastores de Bethlem!
e essa estrella peregrina
que o berço de Deus ensina
aos Magos que adorar vem!

Ai! tu perdeste a memoria
das profecias, da historia,
madrasta sem coraçào!
mas, de sangue salpicados,
serão teus aridos prados
espolho de maldicào!
teus montes não terão selvas;
teus plainos—flores, nem relvas,
Cethal, esteril Sião!

Como d'arbustos damninhos,
colherás somente espinhos
das rosas de Jerichó!
verão seculos inteiros
em toda a terra estrangeiros
os maus filhos de Jacob!
embora ao ceo, que te esmaga,
peça perdão cada chaga
do manso, divino Job!

Ai de ti! que penitencia
poderá ganhar clemencia
para o teu povo, Israel?
Idolatra, má, perjura—
desde Putiphar, a impura,
desde corurapta Babel!
ativa ingrata, descrento—
desde o Horeb e a sarça ardente,
de sempre a sempre. e cruel!

Um sepulchro dilatado
nas ondas do mar anciado

abyssina o Egypto oppressor!
De Hemor culpada a cidade
paga em sangue a castidade
d'uma virgem do Senhor!
Nas faldas o monte santo
custa um crime longo pranto,
muito sangue, e muita dor!

Pelo ultrage dos Levitas,
o crime dos Benjamitas
faz o espanto de Judá!
De Babylonia a torpeza
cresce e reina em torno a meza:
junto a meza a morte está!
Tu... mais que todas perdida,
a tua sorte, decida,
que sorte horrenda será?!

.....
.....

Perdoa, Christo, se uma dor mundana
vem fallar de castigos neste dia!
Tu bebeste por toda a humanidade
o calix da agonia!

No tristonho jardim das Oliveiras
(tu só velavas, tudo o mais dormia!)
eu vi-te aproximar dos labios tremulos
o calix da agonia!

O amargoso do fel te lacerava
fibra por fibra! a dor te consumia!
e lavaste com prantos mais amargos
o calix da agonia!

Pois quem sevinga? O homem! Deus.. perdoa.
Só a vontade humana se entibia
da morte nos umbraes; só Deus accita
o calix da agonia!

Nós somos d'Israel filhos impuros,
cego á luz do sol em pleno dia!
Tarde a venda caiu, mais tarde o pranto
pela tua agonia!

Senhor! tu que lançastes olhos bondosos
ao discipulo vil que te vendia,
oh! salva os desterrados filhos d'Eva
pela tua agonia!

....."
.....

Na eminecia do Calvario
morreu de Deus o cordeiro!
e o soluço derradeiro
foi o perdão de Jesus!
Treme em seus eixos a terra,
que nos parece tamanha,
e é fraquissima peanha
para suster Deus e a cruz!
D'uma dor sem semelhante
a triste Mãe traspassada,
caí na terra ensanguentada,

e ao pé da cruz so abraçou?

Nos olhos tem tal angustia,
nos labios tanta meiguice.
que o anjo que disse
—*Ave Maria*—chorou!

.....
.....

Tudo está concluido,
Segundo vos, profetas de Sião!
O verbo cil-o cumprido:—
Os prodigios! o crime!... a redempção!

Thomaz Ribeiro.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
24 de março de 1869.

Officio. ao Illm. Sr. Dr. delegado do 1.^o
districto policial, participando-lhe a instal-
fação de uma nova combuca de *recreios lici-*
tos na ladeira da Palma, cujo distinctivo é
serem as portas de *pinho*.

—Ao mesmo, communicando-lhe que nos
informam que no bilhar do Sr. Motta, á rua
das Flores, o que menos se joga é o bilhar,
sendo para notar que a concurrencia de ra-
pazes é extraordinaria, principalmente á noi-
te, ignorando-se entretanto em que gastam
ali o tempo até altas horas, o que espera-
se que S. S. com suas perspicazes vistas
descubrirá..

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, scien-
tificando-lhe que a queixa dos moradores do
Caminho Novo é geral, contra o ineorrigivel
procedimento de uma tal Ignacia e outras mo-
radoras do decantado becco do Oratorio,
tornando absolutamente impossivel que pos-
sa morar gente honesta em tal rua, a não
querer ser testemunha das mais revoltantes e
escandalosas scenas.

Espera-se que S. S., com sua reconhecida
actividade, dê um ar de sua graça sobre o dito
becco, afim de ver si taes heroínas tornam-se
mais commedidas.

—Veja la Vm. como se ata.

—O subdelegado da Rua do Paço explica ao che-
fe de policia o facto das pancadas no soldado de
policia, no Taboão, por maneira diferente da no-
ticia que Vm. deu.

—É o que diz?

—Que o soldado estava embriagado a provocar
desordeos, e foi desarmado pelo inspector de quar-
teirão, por se lançar a um homem, a quem rasgara.

—É a respeito do espancamento?

—Não toca nisso.

—Fossem quaes fossem os processos, o que não
soffre contestação é que o soldado foi batido acre-
mente, atirado ao chão e pisado como se amassa
barro.

É impossivel negar o que tanta gente viu.
—Então não sei intender isso.

—Ora, moço!

—O que viu de mais?

—Vm., um homem que gosa de consideração,
que occupa um logar publico, sentando á portá de
uma charrá *Dulcinéa*, acolhendo-a nos braços!

—Não quer dizer nada.

—É o pudor não lhe cora as faces ao clarão do
astro brihante, nesta rua tão publica, passando
tantas familias!

—Nada de carrancismo. A vida é gozar.

—Nem se importa com a *mãe de filhos* e os me-
ninos que deixou em casa entregues ao rigor da
dura sorte!

—Historia!

—E' assim! Está o Sr. escandalosamente a of-
fender o decoro publico, publique-lhe o *Alabama*
o nome, que ha de bradar logo que é um pasquim
que atassalha a vida privada.

—Capitão dá licença que faça uma menção honrosa?

—A respeito?

—Da maneira energica: por que se tem portado e
da actividade que tem desenvolvido o subdelegado
da Sé na questão de desfloramento de uma menor.

—Quem censura faltas, tem o dever de applaudir
o restricto cumprimento da lei,

—Eu, como folgo quando vejo a authoridade, so-
branceira ás condescendencias, proseguir em sua mis-
são, é que me lembrei disso.

—Com tudo, não é bom elogiar muito.

—Isto vae muito bem!

Domingo, foram espancados dous rapazes por oito
sujeitos que se emborrachavam em uma casa ao bec-
co do Rosario pelo simples factos de reagirem a-
quelles, com termos commedidos, contra uma des-
temperada vaia que lhe derem estes!

—A impunidade acaricia o crime. Esses campeões
são os mesmos que, ha mezes, na estrada da *Victoria*,
aggrederam ao Sr. Amazonas, e de certo o matariam
si não passasse um homem na occasião.

—São factos estes que os devem tornar mui re-
commendaveis ao Illm. Sr. Dr. Assis.

—No sabbado, o vapor «S. Francisco» que seguia
para Santo Amaro, quando entrou no rio metheu a
proa nos mangues.

—O capitão quiz experimentar si o vapor nave-
gava em terra como no mar.

—E levou-se seguramente um quarto de hora a sa-
far o bicho da lama.

—Que descuido!

—Sagacidade da companhia do *olho-vivo*!

Um destes dias um membro dessa com-
panhia foi á botica do Sr. Euclides Pires Cal-
das e mandou aviar uma receita de differen-
tes drogas, dizendo que era para embarcar
no dia immediato no vapor da estrada de fer-
ro. Ora o Sr. Euclides tratou de encaixotar
todas as drogas que elle pediu, no dia em
que o sujeito disse que ia fazer a viagem, vae
a botica dizendo que ainda lhe faltava uma
funda, e não tendo o Sr. Euclides fundas,
mandou á pharmacia do Sr. Lino com uma
ordem sua para tomar lá uma funda que lhe

agradasse. Elle escolheu uma de valor de seis mil reis e trouxe fielmente, e sahiu.

Momentos depois voltou elle com um papel na mão, que a primeira vista parecia uma nota de cem mil reis, e perguntou ao Sr. Caldas se lhe podia trocar com mil reis, pois que elle precisava para ir tomar uma cadeira em mão de um marceneiro, a qual tinha de levar para fora, e precisava de seis mil reis para pagal-o. O Sr. Caldas cahiu na esparrelha de dar-lhe os seis mil reis. O homem sahiu e até hoje elle espera, com todas as drogas encaixotadas, que elle volte para ir buscá-las.

— Olhe que esta companhia do *olho-vivo* trabalha maravilhosamente!

Por essa não esperava o Sr. Euclides!

— E' preciso que os pharmaceuticos tomem cuidado com o *olho-vivo*, mesmo, porque elles trabalham de peneira.

À PEDIDO

— Não sei como se classifica isso!

— O que?

— Foi remetido pelo correio uma carta para uma senhora em Santo Amaro, e a esta carta acompanhavam alguns objectos. Um empregado do correio levou-a á proprietaria do engenho Pantaleão, segundo diz elle, por que os nomes se parecem; e esta recebeu a carta e leu-a, viu que não era para ella e não a mandou devolver, nem mesmo. ja que a sua curiosidade chegou até o ponto de abri-la, procurou a senhora á quem era a carta dirigida!

— E' um crime de estelionato!

— Achio bom que peça pela imprensa a esta senhora o favor de fechar a carta, remetel-a pelo correio á esta typographia.

— E' prudente!

— Capitão ouça este facto.

Christovam Lopes da Silva, morador a estrada Dous de Julho, cidadão-honesto e mo-rigerado, maior de 60 annos, chefe de familia, estava pacificamente em sua casa, no dia 17 ás 5 horas da tarde, quando viu com surpresa a mesma cercada por numerosa escolta de policia e o Sr. capitão Braga dar-lhe voz de preso como forçado evadido das galés!

O homem ficou pasmado! Morador alli ha tanto tempo, tão conhecido, não sabia a que attribuir tão extranho acontecimento a não ser algum equivooco.

Por intervenção do supplente da subdelegacia, Belcino, visinho do inculcado criminoso, ficou elle para se apresentar no outro dia na policia, onde o Sr. Dr. chefe de policia conhecendo o homem innocente, o mandou em-bora!

— E então, a razão porque o mandaram prender?

— Depois é que se soubo que, por uma falsa denuncia dada por um tal *Barbosa heobolario*, que cosinha drogas no *trem do mar*, o mais refinado caloteiro, o maior tratante e sem-vergonha que anda no meio da gente.

— Em todo o caso, é notavel a ingennidade com que a policia acceta a denuncia de qual-quer quidam, sem o tornar responsavel por seus effectos, encommodando assim e deixando pairar suspeitas sobre um cidadão honesto e laborioso.

Eu não digo que a authority não acceite qualquer indicação de onde existe algum crime; mas proceda com descripção, obrigue o denunciante a garantir, ao menos com sua assignatura, a denuncia.

— O tal bisborria, conhecido pelo trapa-ceiro maior desta terra, despeitado, porque, ha tempos, alguém não quiz arriscar sua vida, para salvar a de um menino, *parente chegado do cambaceiro*, querendo tirar vingança de alguém dos moradores do lugar, foi denunciar do homem como fugido das galés!

Porque não olha esse miseravel para si com um rabo maior que o mundo inteiro!

Nas galés devia elle estar pela subtração de certos ingredientes, subtrahidos de uma repartição e vendidos a particulares por muito menos de seu valor.

Os roubos da enfermaria dos marinheiros, em certo tempo, podiam mandar tambem alguém para as galés.

— O homem foi bolir em casa velha.

— Para aquilatar o caracter desse desgraçado basta o seguinte:

Um dia apresentou-se ao vendelhão Seraphim, pediu que lhe quera fallar em particular; o homem levou-o a sua salla; lá teve a baixeza de ajoelhar-se aos pés do homem pedindo-lhe que lhe fiasse para matar a fome da familia.

— Mentira! era para encher a pança da amasia; com a familia ella nada se importa.

— O homem commoveu-se e entrou a lhefiar; quando chegou a 300\$ rs. fez ponto. Depois de cançar de mandar pedir seu dinheiro, foi em pessoa ao *trem do mar* pedir-lh'o.

Pasme agora de ouvir o que aquelle homem sem verniz disse a seu credor—*V. quer receber por cada 100\$ rs. 10\$ rs.?*

Senhor *Babosa* tem animo de fazer tal proposta?

« Ah, não quer? replicou elle, pois então use de seus direitos. »

— Que protervol que alma ignobil!

— Por ali ajuize quem foi o denunciante.

Tudo aqui vae em progresso!

Dá-se pancada na rua
De noite, e mesmo de dia!....
A hedionda tyraania
Co'o despotismo pactua!
A razão já não tem preço....
Tudo aqui vae em progresso!

Aquelle, que tem razão,
Que è na rua ferido,
Logo arrastado, e punido
E' mettido na prisão!
Por isso não ha processo....
Tudo aqui vae em progresso!

Si accaso o maltratado
Ergue a voz, e solta um grito—
Quero um corpo de delicto,
Quero ser desabafado—
Soffre mais por este excesso....
Tudo aqui vae em progresso!

O negociante honrado
Já não gosa liberdade!
De sua propriedade
Sabe, pelo cós agarrado!
Só porque (segredo eu peço)
Tudo aqui vae em progresso!

O cabra—réu de policia—
Anda armado, e faz prisão;
E' porque tem protecção,
Se diz ter honra, e pericia!
E' da justiça o aveço...
Tudo aqui vae em progresso!

Alta noite é varejada
A casa do cidadão,
Porque a Constituição
Para o pobre não é nada!
Ninguem sabe o que eu padeco...
Tudo aqui vae em progresso!

Em compacta escuridão,
Entre donzellas deitadas,
Mãos castas, e adextradas
Vão escolher um varão!
Provas disto não carço...
Tudo aqui vae em progresso!

Caluda, povo de parvos,
Nem uma palavra mais...
Não è castigo de país;
E' de senhores á escravos!...
Vou cantando em prosa e verso:
Tudo aqui vae em progresso!

(Commerci a.)

Consta que o Illm. Sr. Dr. chefe de policia mandou prender um sujeito de nome Pedro, que se inculcava de agente secreto da policia para fazer ganancias. Era impossivel que S. S., severo como é, no cumprimento de suas obrigações, não desse tão acertado passo ao saber das proezas de semelhante espertalhão.

Unido a alguns inspectores de quartelão, prendem á ordem de S. S. e saltam depois

por sua conta e risco, logo que dali lhe *ren-
da* alguma cousa; apprehendem roubos de
assucar, fumo, e algodão das mãos dos pre-
tos, chamam a si e vão vender pelas vendas.
Confia-se que S. S. fará acabar com a in-
dustria desses novos agentes do olho vivo.

A espia do Pitar.

PROVINCIA DE GOYAZ.**DESENGANO.**

Si queres ser deputado,
Não contes com voto meu;
Cada qual procure ser
Pela terra onde nasceu.

Para nossos representantes,
Goyaz tem filhos queridos;
Não deseja os parasitas
Que se fazem offerecidos.

Para todo e qualquer cargo
Temos bello pessoal;
Não precisamos do França
Com seu ar capadoçal.

Só nos resta um logar vago
E querendo está promptinho
Na falta do velho Freitas
Venha servir de meirinho.

O BOI.

(Do Monitor Goyano)

AO PUBLICO.

Ha dias, foi preso o sachristão do Hospicio por ter sido encontrado com tres saecos de assucar roubados. Os Srs. Soledade e Rocha, administradores do trapiche Xixi, não deram o menor cavaco, quando deviam dar toda consideração para o facto do assucarguardado na egreja, por que talvez dali chegassem ao descobrimento do roubo que dizem ter soffrido, por cruzarem os braços, sem duvida para se esquivarem, como por ahi se diz, de soffrerem o balanço da respectiva repartição, como é de direito em taes casos, e tambem por que o tal sachristão, desprevenido de meios, so poderia pagar os prejuizos com seu corpo, o que não convinha.

Agora; porém, apresentam-se esses dous senhores em tenaz perseguição aos portuguezes Cardias e Travassos, que não foram encontrados com o assucar furtado, dando-se com razão para isso o ter o primeiro delles dinheiro em estabelecimentos e apparecerem recibos de vendas de assucar firmados com o nome do segundo, quando nem ao menos elle sabo ler!

Santo Deus, que illuções!

Em auxilio de tão desabrida perseguição, conseguiram os dignos administradores, um semulacro de corpo do delicto, vinte dias depois que se disseram roubados, e quando o bom senso vê que já não era mais possível que existisse arrombamento. Desse corpo de delicto fez se uma poderosa alavanca contra a liberdade dos dous soffredores, procurando-se sophisticamente razão de ser no artigo 269 do código criminal, para constrangel-os a uma prisão com detrimento de suas liberdades individuaes e interesses pessoas a capricho do poderio!

E' de esperar, pois, que as authoridades, collocadas á cima de caprichos anões, façam a devida justiça, e, então, em tempo competente, se mostrará factos cuja responsabilidade não honrará muito a seus authores.

A voz da razão.

VARIÉDADES

VERDADES PURAS SOBRE O HOMEM.

Si o homem tem por costume
Muitas moças namorar,
E' perfeito catavento
Não quer casar.

Si elle encostado á janella,
Com mil promessas de amor,
Quer provar fidelidade
E' seductor.

Si elle a todas as mulheres
Offerta seu coração,
Dando-se sempre a desfructe
E' paspalhão.

Si o homem tem a mania
De em qualquer reunião
Quer ser conquistador,
E' toleirão.

Si elle passa a noite inteira
Encostada a uma esquina
A espera das namoradas;
E' lamparina.

Si ao ver qualquer mulher
Fica todo apaixonado
Mesmo sem ser attendido
E' desmiolado.

Si procura p'ra casar
Uma velha com dinheiro,
Ainda mesma desdentada
E' financeiro.

Si o homem se apresenta
Da moda em todo rigor
Sem ter officio, nem ganhos
E' empalmador.

Si elle junto das mulheres,

Leva quasi toda vida
A fazer seus rapa-pés
E' loreçada.

Si por causa de um baile
Tudo elle larga de mão,
Até mesmo seus deveres
E' mandrião.

Si o homem na polittea
Stá sempre a mudar de vista,
Para ter maiores lucros
E' chupista.

Si, sem guardar e indicções,
Elle até quer ser amavel
Entre as mulheres casadas,
E' miseravel,

Si passeia o dia inteiro
Bem vestido e bem chibante,
Fumando finos charutos,
E' filante.

Si logo á primeira vista,
A' mulher vae confessar,
Um ardente e puro amor,
Quer enganar.

Si elle além de casado,
Tambem tem a sua amante
Com quem gasta os cobrinhos
E' petulante.

Si por ella esquece a esposa
Sendo até desfeitoado
Em uma vida privada
E' descarado.

Si para ostentar grandeza
Aos olhos do mundo inteiro,
Deve a todos os amigos
E' caloteiro.

Si com tormentos, ciumes,
Da pobre mulher dá cabo,
Não é por certo um homem.
E' o diabo.

A. Pinheiro Junior.

CONTAS JUSTAS.

— Gretry, que foi o Rossini do seu tempo (Deus nos perdoe ainda assim a blasphemia,) ia uma vez pela rua tão abstracto com uma aria nova que levava na ideia que, sem reparar, bateu com a bengala, que levava em ar de batuta a marcar compasso, na vidraça d'um logista e quebrou-lhe um vidro.

— Tenha paciencia.

— Pague-m'ó; são dous francos o meio, lhe disse o negociante.

O maestro pucha por uma peça de cinco francos e entrega-lh'a dizendo-lhe:

— Não mo falle á mão que estou pensando

cá n'uma coisa; troque e dê-me a demasia.

—Não tenho troco, mas vou buscar ali de frente, espere um instantinho.

—Não posso demorar-me, mas é o mesmo, arranja-se a coisa d'outro modo.

Quebra-lhe outro vidro e vai seguindo pacificamente o seu caminho.

A VIDA CONSIDERADA COMO UM WAGON.

Um medico que cahê doente é tão ridiculo, quanto a mim, como o empregado do caminho de ferro que não apanha o comboi a tempo; e para continuar a comparação, no caminho de ferro da vida, a morte é um descarrilhamento; o casamento o abalroamento de dous wagons; o somno a passagem do tunel; o destino é o machinista, que não vemos, mas que nos conduz ao nosso destino.

QUANTO SE PODE ATRAZAR UM RELOGIO.

—Quantas horas são no seu infallivel? perguntava a um dos parceiros, um jogador que perdia sempre.

—O meu retarda duas horas certas, respondeu o outro: o seu quantas diz?

—O meu está tambem retardado.

—Quanto?

—Tres mezes; em casa do meu usurario!

ORAÇÃO DE UM MARINHEIRO.

Quando a esquadra britanica, debaixo do commando de lord Nelson, se dispunha a atacar as esquadras combinadas em frente de Trafalgar, indo um primeiro tenente de uma das naus examinar si todos estavam a seus postos, deu com um dos artilheiros de joelhos ao lado da peça. Excitando a sua admiração o terror em um marinheiro inglez e movido de curiosidade, perguntou-lhe si tinha medo.

—Medo! não, respondeu o marujo; mas estava pedindo a Deus que os tiros do inimigo fossem distribuidos na mesma proporção do dinheiro das presas; o maior quinhão para os officiaes.

O RELOGIO DO SOL.

—Rapaz, vae ao quintal ver no relógio do sol que horas são! dizia ao seu criado um bebado estremunhado, acordado d'um somno de quatorze horas.

—Não se vê la nada, é noite, está escuro como um prego.

—Forte burro! não podes levar a candeia?

Um gallego, indo a Lisboa para servir, ac-

comodou-se em uma casa, entrando no ajuste que o amo se obrigasse a vestil-o. Na manhan seguinte era ja muito tarde sem o gallego apparecer; e indo o amo procural-o no quarto, e achando-o ainda na cama, o reprehen- deu por ser tão preguioso. «Ha tres horas, lhe respondeu elle, que estou esperando por sua mercê, que me viesse vestir, por que esse foi o meu ajuste.»

UMA PERGUNTINHA.

—A um certo sugeito que queria passar por sabichão e que dizia, fallava cinco linguas, fez-lhe uma vez um criado a seguinte pergunta:

—Meu ama, arazão porque Deus nos dando dous olhos e dous ouvidos só nos concede uma lingua?

—Ora acudiu o *quidam* és um tolo, foi para que se ouvisse muito, se visse mais e se fallasse pouco.

—Perdão, meu amo, respondeu o criado, então V. contraria a vontade de Deus fallando cinco linguas!

—Estás enganado, repetiu o *cujo*, sou versado na sciencia das linguas!

—Seja lá como for, concluiu o criado, V. sabe muito, porque muito falla, ao passo que eu calado digo tudo!

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 19.^a e 20.^a folhas de—
ROCAMBOLE.

ANNUNCOS

Sahiu á luz a walsa SYMPATHIA e a mazurka JULI TA, por Francisco Santini, author da BORBOLETA.

Vende-se em casa do author, ladeira de S. Roque n. 9, á Barroquinha; na padaria do Sr. Conde, ao Rosorio; loja do Seixas, ao Pelourinho; e na Calçada, botica da esquina do becco do Godinho.

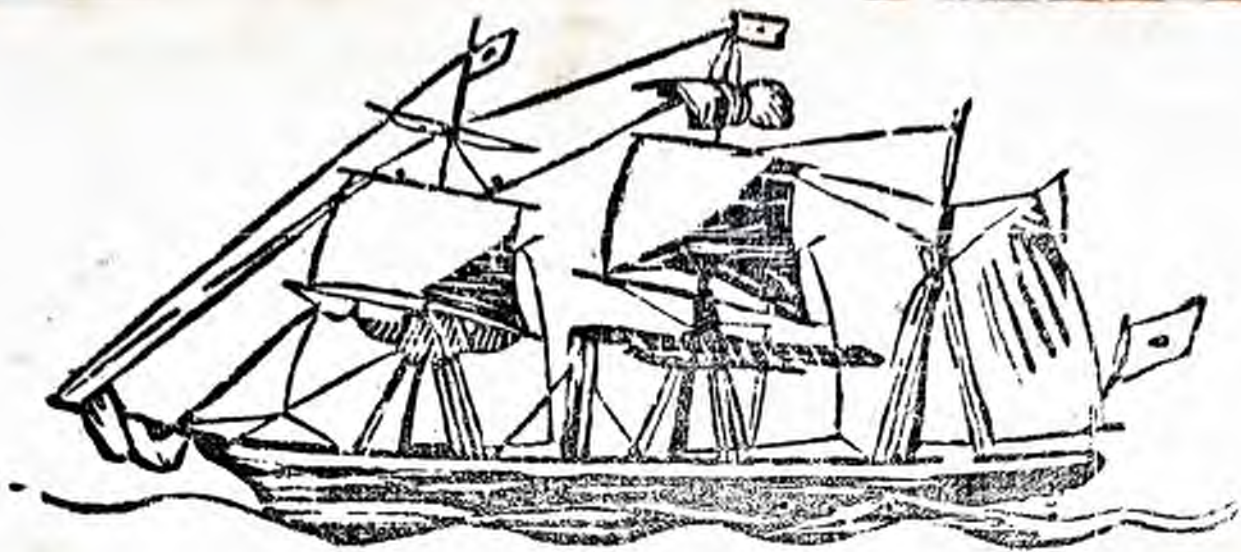
ATTENÇÃO

RUA DA LARANJEIRA N. 21.

Bandeiras de todas as nações; signaes de Mariath, Filele de cores,

Vende-se por preço commodo.

A rua do Bom-Gosto da Calçada, n.º 7, se dirá quem compra prata, ouro, e tambem dá dinheiro sobre hypothecas de qualquer especie.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 49.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

31 DE MARÇO DE 1869.

Ns. 486 e 487.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
30 de março de 1869.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe, que em consideração a um boato que grassa, mande syndicar si existe na companhia de caçadores á cavallo um furriel preso, ha dez dias, macerado á jejum, como punição, pela falta que se lhe attribue de dous pares de calças desapparecidos da reserva da mesma companhia; o que, a ser exacto, é um castigo novo e não previsto na legislação militar; e portanto encorre em merecida reprehensão quem o inflinge; pelo que espera-se que S. Ex. dará a devida attenção ao caso.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que acabam de communicar-nos ter um portuguez aberto uma casa de jogo, lá para o Caquende, onde ha todas as noites barulhos e desordens, o que, segundo dizem, encommoda bastante a visinhança. Espera-se de S. S. providencias a respeito.

—Ao Illm Sr. subdelegado da Sé, reclamando lhe providencias contra o habitual e inveterado systema de vida do meirinho João Garibaldi com sua amasia, os quaes levam até duas e tres horas da noite em porfiada rusga, não só encommodando a visinhança

com a vozeria que fazem, como offendendo a decencia com os termos deshonestos com que se mimoseam. Espera-se que S. S. empregue a efficacia de sua authoridade, para que o Sr. João Garibaldi não continue a reduzir o becco do Arcebispo ás proporções do antigo becco do Grelo.

—Noticias do sul.

—Vamos á ellas.

—O Sr. marquez de Caxias foi elevado a duque, não das Evacuações, como diziam, mas do mesmo titulo do seu marquezado.

Lê-se no *Jornal do Commercio*:

«S. Ex. o Sr. duque de Caxias obteve do governo a dispensa que pedira do commando em chefe de todas as forças em operações contra o dictador do Paraguay, por não lhe permittir o estado de sua saude regressar ao exercito.

«Receiando-se que, por egual motivo, o Sr. general Guilherme Xavier de Souza não possa continuar no commando interino do exercito, e achando-se infelizmente tambem impedidos outros distinctos generaes, resolveu o governo imperial nomear a S. A. o Sr. marechal de exercito conde d'Eu para o referido commando em chefe.

«Apezar dos desejos manifestados de não encarregar-se desta commissão nas actuaes circumstancias, Sua Alteza, comprehendendo a extensão do dever militar e a conveniencia da unidade do commando das forças de terra e navaes, o animado ao mesmo tempo do

nobre sentimento de prestar ao Brazil o relevantissimo serviço de accelorar a terminação da guerra, deixou de reluctar, e vae partir brevemente para tomar o posto que lhe foi confiado.

«Sendo puramente militar esta commissão, Sua Alteza nenhuma ingerencia terá nos ajustes diplomaticos que possam celebrar-se entre as potencias belligerantes.»

—Cessaram finalmente as altas razões de Estado, e lá vae o Sr. conde d'Eu assumir o commando do exercito.

—Com que olhos verão as republicas d'America um principe dentro d'Assumpção, commandando um forte exercito?

—Parece que a occasião foi a mais inconveniente.

—Entretanto quem authorisaria o Sr. Caxias a dar por finda a guerra, mandando regressar parte da esquadra á côrte, dispensando os chefes militares e empinando-se elle proprio, quando o governo acaba de dar um desmentido solemne á sua ordem do dia, nomeando o conde d'Eu para *accelerar e terminar a guerra?*

—É claro que pelo § 9 art. 102, cap. 2.º da constituição, elle não o podia fazer sem instrucções do governo, muito mais quando se diz que uma carta do punho do Sr. Itaboraahy o authorisava a isso.

—Entenda-se lá tal embrulhada, o governo declarou no *Diario Official* em seguida a ordem do dia do generalissimo, que a guerra não estava finda, signal que não approvou sua conducta.

—O caso é que elle acaba de ser remunerado com o titulo de duque, alem da medalha de *bravura*, em recompensa de abandonar seu posto.

—O que parece certo; é que as cousas no Rio da Prata, complicam-se.

Aprecie este pedacinho e convençam-se:

«A *Tribuna* de Montevideu, cujas revelações têm algum peso, pois a folha é de Bustamante, ministro do governo, observa:

«A guerra do Paraguay nenhum incidente offerece digno de consignar-se. Lopez mantem-se ainda no interior; dão-se-lhe cinco ou sete mil homens, e atribuem-se-lhe projectos a respeito dos quaes é impossivel obter informações seguras. O que é *fora de toda duvida* é gozar elle das *sympathias dos Estados-Unidos*, apesar da occupação da capital e de toda a margem do rio pelas forças alliadas. Além disto acha-se a aliança tambem um pouco abalada *depois da tomada da Assumpção*, pois parece que a Republica Argentina recusa nomear um ministro extraordinario, como fez a Republica Oriental, para, de accordo com o ministro brazileiro Paranhos,

occupar-se da reorganisação do Paraguay. Já tomou, pois, desintelligencia *entre os alliados*, mas não se lhe conhece o motivo.»

Diz a correspondencia de Montevideu para o *Jornal do Commercio* em data de 14:

«Do Paraguay nada ha mais recente.—Organisam-se nossas forças para marchar ao interior em busca de Lopez, e—continua ainda em Assumpção o Sr. conselheiro Paranhos.

«Ha quem pense que o Sr. Sarmiento procede assim de accordo com os Estados-Unidos, e com a idéa de—debilitar o Brasil para realisar o plano de incorporação do Paraguay e do Estado Oriental á Confederação.—Falla-se no armamento de *Martim Garcia*, no recebimento de armas dos Estados-Unidos, e em outros alarmanes preparativos.»

«Entretanto—é bom não desprezar certos indicios e ter bem presente que o—*projecto de organisação dos Estados-Unidos do Prata é a menina dos olhos dos argentinos de todos os partidos!*»

A mesma folha ainda publica o seguinte:

«PREPAROS BELLICOS DOS ARGENTINOS.—Chegou hontem ao nosso porto o vapor *Saturno* com bandeira ingleza, consignado ao consul argentino, e com direcção a Montevideu. Houve quem visse neste navio um dos encomendados pelo governo argentino, para constituir uma esquadra no rio da Prata. É provavel que o boato seja contestado, mas entretanto cumpre que o governo ande vigilante, pois pessoas bem informadas asseguram que fez-se effectivamente uma encomenda de 12 vasos de guerra, pela maior parte monitores, além de pedidos de espingardas, Chassepot, artilharia raiada, e grande cópia de munições bellicas.

Diante desta situação, é preciso adoptar uma politica clara e precisa. Nada de theorias especulativas, de diplomacia de pannos quentes,

Ou reforce-se a esquadra com monitores novos, e o exercito com 10 ou 12.000 homens, remettidos com a maior presteza para a Assumpção, occupando se tambem as bocas do Prata, e nesse caso incorpore-se o Paraguay ao Imperio, já que tantos sacrificios de gente e dinheiro nos tem custado;

Ou então, entre-se em um accordo com o governo do Paraguay, dando-lho garantias de existencia contra as pretensões de seus vizinhos, o que limitará nossos sacrificios á occupação de alguns pontos, e á conservação da esquadra encouraçada n'aquelle paiz. Todos os nossos recursos se concentrarão em seguida n'uma espectativa armada,

Isto é exequível e duradouro; todas as mais combinações são planos especulativos e poéticos. — *Um do povo.*»

— Deus queira arredar nuvens tão negras que se condensam em redor do horisonte brasileiro.

— Mudemos de assumpto.

«ATTENTADO GRAVISSIMO. — O Sr. general marquez de Caxias em nada differe do despota do Paraguay.

Solano Lopez é barbaro e canibal, porque faz fuzilar officiaes e agentes que suspeitava de traidores.

E o que deve dizer-se do Sr. marquez de Caxias, que, segundo noticias fidedignas, mandou degolar quasi um batalhão inteiro por haver recuado em um combate?

Vejam os leitores o que á este respeito diz o *Ypiranga* de S. Paulo:

«Sabe-se que quando aqui chegaram as noticias dos ataques de Itosoró, Villeta e Lombas Valentinias, mais de uma pessoa teve noticia vaga de um acto de grande barbaridade attribuido ao generalissimo Sr. marquez de Caxias, e que a verificar-se, não é só acto de barbaridade, é um attentado sem nome perante as leis divinas e humanas, e de que os annaes de uma guerra não dão noticia de igual praticado.

Esse acto era a—*degola de um batalhão inteiro* nosso, ordenada pelo Sr. Caxias, pelo motivo de haver esse batalhão recuado na acção.

Não acreditamos nessa noticia vaga que então circulou a respeito; agora, porem, em carta de Palmas, de data de 29 de dezembro, e de quem serve no exercito, e escreve na legião da familia com ingenuidade que não admite a mentira e muito menos a calumnia odiosa, vemos nós confirmado aquelle inqualificavel attentado, sendo que outros cavalleiros tem tido confirmação igual á que nos referimos!

Essa confirmação é concebida nestes termos:

«O Sr. Caxias tem-se portado como um barbaro para seus companheiros: no dia deste combate, (o em que foi ferido o brigadeiro Pedra e os generaes Argollo, Osorio, etc.) mandou degolar quasi um batalhão inteiro por se ter retirado do inimigo!!»

—E' um acto atroz este! Um batalhão tem officiaes que o dirigem na acção; si elle se retira e não encontra correctivo, os responsaveis são os que o dirigem. A punição extraordinaria e violenta, deve limitar-se aos cabeças; nunca aos soldados, machinas que seguem sempre o exemplo dos chefes.

A *degola* de um batalhão em tal caso é um crime atroz, que merece severa reparação e

atrahe contra o seu autor necessariamente o odio de seus camaradas, e espalha o desgosto no seio de um corpo de exercito.

— Quer ouvir agora a leitura de uma carta publicada na *Reforma*?

— Leia.

«—REPUBLICA DO PARAGUAY.—De uma carta d'ali escripta extrahimos o seguinte:

«Achou-se no palacio de Lopez (em Assumpção) correspondencias do celeberrimo Paulino, que já está preso, e nessa carta contava todo o estado do nosso exercito, os movimentos que haviam pelo Brazil, ordens do dia do marquez de Caxias, officios, e tudo que se passava no quartel-general!

«Acharam-se tambem diversas malas que vinham da côrte e não se sabe como ali foram parar: consta que tambem estão cúmplices diversos empregados da secretaria do Rio de Janeiro. Veja que escandalo!»

—La para as bandas da Pituba, um sujeitoinho brigou com a amasia, na quarta-feira de trevas, e arrumou-lhe o catatau de veras, fazendo-lhe umas tres feridas que pode mandal-a para a sepultura.

—Que paixão desesperada!

—Porém o que é mais admiravel nesta tragedia é, que a offendida no acto de ser conduzida para o hospital de charidade, ajoelhou-se e pediu que não prendessem o rapaz!

—Ella la sabe as rasões que teve para isso.

—Ousadia como a da gente do olho-vivo, não ha!

Na quarta-feira, um estrangeiro comprava na praça do mercado e tinha na mão 35\$ rs. para pagar as despezas. Um menino, aprendiz marinho, conhecido pelo *Cagacebinho*, arrebatou-lhe o dinheiro e voou.

—E' desertor de bordo, ha um anno seguramente.

—Não é mais; no sabbado d'alleluia o Sr. capitão Braga prendeu-o em uma casa em S. Miguel.

—Ao menos, por estes dias estamos livres deste.

—Capitão veja como são as cousas do mundo.

—São como devem ser.

—O anno passado, houve quem quizesse levar no theatro um espectaculo sacro no sabbado de Ramos; o delegado impediu e consultou a S. Ex. Revm. o qual approvou o acto da authoridade policial. Em consequencia disto o *Jornal* desse dia, (1 de abril) publicou a seguinte noticia:

«CONSULTA.—O Sr. delegado do 1.º districto,

tendo já impedido que no dia de hoje, houvesse espectáculo no Theatro de S. João, á requerimento da Companhia Dramatica, entendeu dever consultar á S. Ex. Rym. o qual prestou a mais viva opposição a semelhante pretensão da companhia.

Louvores a S. Ex. Rym., que n'estes como em todos os demais pontos, sabe comprehender a sua missão de bispo, opinando contra a introdução de uma nova pratica, que vae de encontro com os principios sãos e tradicionaes da nossa religião. Concedendo que no dia de hoje vespera do 1.º Officio da Paixão Sagrada de Jesus Christo que a Igreja celebra. houvesse espectáculo publico, com ares de divertimento, seria alimentar-se futuras pretensões e mais alem, ja o sabbado de Ramos não bastaria, e seria preciso, para força da concessão, entrar-se pela Semana Santa.

—Recordo-me.

—Este anno, as cousas mudaram-se; houve espectáculo no sabbado de Ramos, á despeito, dizem, não só de viva opposição de S. Ex. Rym., como de ir em pessoa o respeitavel prelado reclamar contra o governo. Entretanto o *Jornal* metteu a viola no sacco e não tugiou nem mugiu!

—Ja ouviu fallar no *trun-dun-dun* que houve na casa de prisão com trabalho?

—Dizem que um recluso munido de compasso aggredera a um empregado, fazendo-lhe diversos ferimentos.

—E parece que a cousa está em mortorio.

—Creio que até nenhum dos empregados superiores estavam na casa.

—E' balda antiga, dizem.

—Aquella casa de prisão com trabalho como que tem caveira de burro, quanto mais geito lhe querem dar, parece que fica peor!

—O acto da procissão do enterro do Senhor este anno esteve solenne. Compareceram quasi todas as authoridades.

—A guarda nacional apresentou-se luzida.

—Accompanharam oito batalhões, entre os quaes a sombra do batalhão de S. Pedro.

—Aquillo é que é gosto de commandar batalhão!

—A procissão dos fogareus, na Quinta-feira Santa, é um quadro vivo do atraso em que vae esta terra!

—Isto é cousa ja repetida.

—Parece que o spirito de religiosidade na Bahia consiste na turba de mulheres, que ataviam-se e vão encher a egreja, reparando umas as outras com que foram vestidas, murmurando da que levou de menos este anno, uma pulseira ou o roziario de ouro, que dizem, estar empenhado em casa do usurario.

—Tal qual.

—E' preciso ver, para fazer ideia das irre-

verencias, desacatos, e profanações praticados na procissão de Quinta-feira Santa!

—Era melhor supprimil-a, ja que não podem fazer manter a decencia e respeito a tão solenne acto.

—Uma malta de cacetistas e moleques cativos, cujos senhores, tornam-se merecedores de grave censura pela culposa liberdade que lhes dão em dias semelhantes, commettem os actos mais descommunaes e torpes que se podem imaginar.

—Este anno os escravos do Sr. Barão do Catú, um de nome Feliciano do Sr Lobo, alguns da companhia de Vehiculos e outros que não pude distinguir, foram quem primaram.

De cacetinhos enfiados ao braço, fizeram as todas.

Ao entrar a procissão em S. Francisco, deram bordoadas a torto e a direito. Foi um alarido infernal; senhoras desmaiadas, pessoas feridas e entre estas um rapaz de nome Candido com uma brecha enorme.

—E quando a força publica para manter a ordem, usou das armas que trazia, bradaram que a policia puchava armas contra o povo, como si o cidadão pacifico fosse aquelle que vae para uma procissão de cacete de libra e meia fazer desordens.

—E a audacia dos desordeiros chegou ao ponto de tomarem das mãos da policia um delles que foi preso.

—Mas que policia, coitada! Tres gatos; pode-se dizer.

—Encostado ao umbral de uma das portas do convento um velho devasso *carteava* escandalosamente uma rapariga e depois traçou-lhe o braço por cima do pescoço e seguiu para as bandas do monturo.

—Tão feliz, que os moleques não deram por elle.

—Pôr mais diligencias que fizesse para saber o nome desse immoral, não pude conseguir.

—O olho-vivo fez proezas: arrancaram argollas lascando as orelhas das donas, cortaram pulseiras e cadeia a torquez, safaram carteiras dos bolsos, etc., etc. Era uma queixa geral.

—Dentro da Misericordia, duas mulheres esbofetearam-se como duas cadellas furibundas, por causa de logar.

—Ora, o estrangeiro que estiver de parte presenciando todas essas scenas, irá fazendo de nós juizo bom deploravel!

—As irmans do charidade são de briga.

—Ai! ai!

—Não é todo homem que vao no bojo dellas.

—V. é uma creatura maligna! Para que quer caluniar as santas mulheres?

—Pois não sabe o que fez a irman Maria, sabbado, no hospital?

—Não.

—Nada menos que um guarda de Brotas medir os degraus da escada que vae para a prisão, em rolo.

—Esta é do seu peito! Pois entre mulheres mausas como cordeiro, ha quem faça isto!

—O rapaz demorou-se um pouco na rua e quando chegou, a porta ja estava fechada. A paciente senhora, zangada pelo incommodo que teve de abrir a porta, ralhou; o rapaz não sei o que respondeu, que a encolerizou a ponto de esbarral-o e elle ir contar os degraus sem querer.

—Está direito: em cordura, mansidão e paciencia, as taes senhoras estão sós; ninguem as eguala!

—Até hoje não se soube quem era a pessoa que se suicidou, quarta-feira passada, na margem do dique!

—Como que este negocio envolve algum mysterio! Vejo tudo tão calado!

—A policia que é tão atilada ja devia ter descoberto quem era esse infeliz que tão desastadamente deu cabo de seus dias.

—Mas o povo diz tanta consa; até ja ouvi fallar n'um duello.

—Assim como as causas que o levou a tão desesperado termo.

—Capitão, vi um facto sabbado que maravilhou-me.

—Qual foi elle?

—Seriam nove horas e meia da noite. quando abriu-se a portaria dos franciscanos para dar entrada a um grupo de nove moças sosinhas, e fechou-se immediatamente a porta. A taeshoras o que iriam lá fazer essas senhoras?

—Tomar logar com cedo para a missa.

—Não é possível; a igreja estava as escu-ras, e V. Ex. sabe que moças tem muito medo d'almas do outro mundo; para ficarem n'um templo sem luz, mormente sem a companhia de algum homem.

—Então o que suppõe?

—Eu nada. Vi-as entrar, para onde foram não sei.

—E' o resultado dos privilégios mal enten-didos. A casa de Deus não tem logares reservados, e os Srs. frades fazem mal de abrir a sua porta á noite pára admittirem mulheres.

—Hoje é o dia da communhão das edu-candas da Casa da Providencia.

—E' Vm. veio aqui para murmurar.

—Vim presenciar o acto.

—Julguei que vinha para fazer coro com aquelles maldizentes que estão ali a um can-to, uma vez e outra a tasquinharem na ex-cessiva economia das irmans de charidade de darem um unico veu para todas as meninas se confessarem.

—Eu tambem achei mesquinho, mas abs-tive-me de fallar; porem como ja houve mais quem notasse. . . .

—Gente que em tudo se intromette, e não pode estar meia hora sem bater com a lingua nos dentes.

—No dia 8, falleceu em Pernambuco o distincto general Abreu e Lima.

O bispo daquella diocese negou sepultura em logar sagrado aos restos do illustre fina-do, em consequencia do que foi sepultado no cemiterio inglez.

O *Liberal* exprime-se assim á respeito:

«Tem-se recebido com extr anheza o facto de S. Ex. o Sr. bispo diocesano prohibir que o cemiterio publi-co recebesse o corpo inanimado do illustre pernambucano. É uma excepção injustificavel e por demais injusta.

«O general Abreu e Lima durante os ultimos dias da sua enfermidade, extasiava-se em contemplar uma imagem do Senhor Crucificado, que tinha defronte do leito e dizia---Aquelle é meu Deus!---Declarou que não queria pompa no enterro, que o depositassem no cemiterio, e apenas lhe mandassem fazer uma encom-mendação resada. Consta que a mesma ccusa dispoz em seu testamento nuncupativo.

«Um homem que assim procede e que ao dar o ul-timo suspiro, pede com toda a humildade e recolhi-mento uma «encomendação resada» por sua alma, não apagou aos olhos severos do catholicismo qual-quer desvio que por ventura tivesse em sua vida pas-sada? Não deu provas de christão e catholico? O per-dão e a caridade ja não são virtudes do christianismo?

«Parece-nes que o illustre finado foi fiel e cons-tante á crença e fe que ensina a igreja: muitos pa-dres que ahi imposturam de santos, por causa da ele-vada posição que occupam, não mostram tão viva fé em Deus, como o venerando general.

«Resta que se lance a excommunhão ao grande nu-mero de concurrentes, cada qual mais distincto, que acompanharam o feretro ao ultimo jazigo.

«O odio e a injustiça dos homens procuram dene-grir e infamar a memoria do literato insigne e do patriota virtuoso. Deus, porém, o hade glorificar nas alturas com a bemaventurança eterna que lhe reserva.

A *Ideia Liberal* conclue um artigo dizendo:

«Era justo, quando na terra sagrada descansam os restos de pagãos, idolatras, suicidas e um dia descan-sarão os restos de hypocritas, malvados pelas leis di-vinas e humanas, assassinos, perturbadores da paz conjugal, calumniadores, devem ser sepultados nas areias da praia os homens que sempre se recomen-daram pela pratica de virtudes as mais subidas, pela fo a mais viva nos verdadeiros principios e pelos mais relevantes serviços ás letras, á patria, á huma-nidade e á liberdade.»

A *Opinião Nacional* diz:

«Foi sepultado ás onze horas da manhan do dia no-vo do corrente, no cemiterio inglez, em consequen-

cia da ordm terminanto do Exm. Rovm. Sr. D. Francisco Cordoso Ayres, bispo desta diocese, um dos nobres mais illustres patricios.

«Depois dos justicados em 1817 o 24, cromos que é a primeira recusa quo aqui se faz de sepultura em chão catholico!

«Estava isto reservado a um pernambucano illustre por mais de um titulo, varão estimavel por suas virtudes dentro e fora do paiz!

«E porque? e por quem? Santo Dous!

«O pai não teve sepultura catholica, porque foi justicado na Bahia; o filho....

«Santo Deus! No seculo desenove quando estão sendo chamados os dissidentes ao concilio!

«O Sr. bispo diocesano, depois da sua posse, não fallou aos seus diocesanos, sem duvida por que ja não é verdade o dito de S. Paulo «fides ex auditu;» mas acaba de fallar eloquentemente para os olhos!

«Todos viram o general Abreu e Lima sendo conduzido ao cemiterio protestante.

«Descance em paz o general Abreu e Lima.

«O Deus das misericordias não faz distincções de cemiterios. Uma so é a terra que nos ha de consumir a todos.

«Que historia tão pouco edificante poder-se-hia oontar!!»

O *Jornal do Recife* de 15 diz:

«Contra o fanatismo e intolerancia religiosa, que nega sepultura no cemiterio publico aos restos mortaes de uma creatura humana, e em favor da liberdade de consciencia, deu hontem a população desta capital o mais solemne protesto.

«Convidada para ir ao cemiterio inglez visitar a sepultura do general Abreu e Lima, por ser o setimo dia do seu fallecimento, aceitou pressurosa o convite, e ás 7 horas da manhan um concurso numerozo de pessoas nacionaes e estrangeiras e de todos os credos politicos e classe social achou-se ali reunidas.

«Não podendo ter logar acto algum religioso do gnto a que pertencia o finado, que nunca se apartou do seio da religião em que nascera, a cerimonia consistiu apenas em alguns discursos pronunciados junto ao seu tumulo.

«Oraram entre outras pessoas os Srs. Dr. João Franklin da Silveira Tavora e Antonio de Vasconcellos Menezes de Drumond.»

LA VAE VERSO

Eis-aqui, meu capitão,
A colheita deste anno,
Os Judas que recrutei,
Com arduo trabalho, insano,

Vem abi uma enfiada
De typos de toda casta;
Um specimen completo
Uma colleccão bem vasta.

Todo sabbado d'alleluia,
Por essas ruas andei,
E tudo que foi tratante
Para Judas agarrei.

Vê? Da caterva do fóro
Meirinhos, tabelliães,
Requerentes preguiçosos,
Indolentes escrivães.

Eis um grupo interessante
De alguns juizes venacs

Que n'um balcão de mercancia
Convertem os tribunaes

Juntos, na mesma fileira,
Por não terem consciencia,
Procuradores que as partes
Reduzem a indigencia.

Ao pé, avaliadores
Que com safada impudencia,
Marcam o valor das cousas
Conforme a *conveniencia*.

Veja esta galeria!
E' so de bachareis burros.
Nos quaes o que estudaram
Não pode entrar nem a murros.

A gentalha que os precede,
Compõe-se de advogados,
Que com falsidade trazem
Os clientes enganados.

Com elles, fazem parelha
Aquelles que são cavallos;
Que n'uma curta demanda
Gastam largos intervallos.

Após, os advogados.
Veja estes trapacistas,
Que vivem so de chicanas;
Renitentes desmandistas.

Apprecie este enxame
D'ignobeis salafrarios:
São corvos d'especie humana,
Desalmados usurarios.

Este bando que abi stá,
Não conhece pelos termos?
São armadores vorazes
Que agouram aos enfermos.

A sucia que vem atraz,
São padres sem charidade,
Que com seus exemplos torpes
Deslustram a christandade.

Aquelle que está na ponta,
E' um celebre vigario,
Que seduziu uma moça
Mesmo no confissionario.

O que fica immediato
E' um padre avarento,
Que dá dinheiro á juros
De seis e sete por cento.

Não podiam escapar
No grande recrutamento
Estes frades, que as noites
Passam fora do convento.

Agora os medicos que
Por excessiva avidez,
Não praticam charidade
Em sua vida uma vez.

Os outros são os estúpidos
Que sem responsabilidade,
Vão mandando as creaturas
Habitar na eternidade.

Este fedor de chulé
Que o está encommodando,
São sebosos taverneiros
Que agora estão chegando.

Aquelle, rouba no peso,
O outro, mistura o vinho,
Este, enxarca a carne n'agua
E deita sal no toucinho.

Ora dá-se! Pois julgava
Que escapavam os fiscoes,
Que recebem nas tavernas
Os cinco mil reis mensaes?

Aqui estão vereadores
Deixados, corrompidos
Que recebem seus presentes
De paios, vinho e vestidos.

Eis estas authoridades
Cuja balda é conhecida:
Fazem dos cargos que occupam
Ganancia e meio de vida.

Conhece aquelles marrecos
Que á um canto ali estão?
São os senhores padeiros
Que o peso roubam no pão.

Tambem a estes melcorios,
Não pude deixar em paz;
São rapazes distrahidos
Accendedores do gaz.

Aqui estão os açougueiros,
Os abutres da pobreza,
Sejam taes Judas queimados
Em fogueira bem accessa.

N'um grupo so englobados
Os sapateiros tratantes,
Os alfaiates velhacos
Marcineiros tropiantes.

Assoprando os massaricos,
Eis ali por sua vez,
Os ourives que o ouro
Vão empenhar do freguez.

Oh, que respeitavel grupo
Defronte do qual estamos!
São caixeiros que as gavetas
Vasculham de seus amos.

Repare bem deste lado
Os vultos que ali estão,
Estou quasi apostando
Que não conhece quem são.

São snjeitos que em patranha
Ninguem os ganha em pericia:

Negociantes quebrados
Por dolo, fraude e malicia.

Veja aquelle velhaça;
E dextro na artimanha,
Ha pouco fez um *gongolo*
Com um bilhete da Hespanha!

Este cujo que está vendo
E' um sabidão de marca,
Praticou certa esperteza
Na direcção de uma *arca*.

Metteu letras sem valor
Tirou dinheiro corrente;
Ora diga, capitão,
Não é uma de patente?

Aquelle cujo *barbudo*
Em *Guimarães*, barateiro
Ja trocou muito *papel*
Falso, pelo verdadeiro.

La está o *Jabiraca*
Oh, que firma respeitavel!
Deve ser, quando queimado,
Um Judas muito deleitavel.

Na rua que faz *preguiça*,
Como uma pipa rolando,
Vi o *Manuel Paparote*
E fui logo o recrutando.

Veja este pianista
Que se chama *Va-cellar*;
Sellado precisa elle
A muito tempo andar.

Sabe que animal é este?
Não sabe? pois saiba agora;
E o tal Antonio Gago,
Que nos *Pés de Cruzes* mora.

O bicho estava á porta
Qual calango, a aquestrar sol,
Eu que andava á sua cata
Fui chamando-o p'ra meu rol.

Este de barbas inglezas
E' o Julio Feijoada;
Que quando toma genebra
Anda fazendo rascada.

Si, trouxe o Marcos Rabeca
Este malandro d'um dardo;
Foi para ficarmos livres
De tão importuno fardo.

Attenda para este mono
De asquerosa catadura,
E' *Yoyo Feio* chamado.....
Que horrenda creatura!

Uma pausa por agora,
E' preciso descansar;
A baderna de mulheres
P'ra depois pode ficar.

Á PEDIDO

—Que desembaraço de moças! Nem por ser hoje Sexta feira Santa, portam-se com mais recato na janella.

—Quaes?

—Estas da casa 27, aqui defronte do convento do Carmo.

—Ah!...

—Não parecem moças de dentro de casa! O que se importam ellas que os mais saiam com o seu chapéu de copa alta, para estarem na janella a chacotearem como tagarellas?

—Isso é proprio de tarascas.

—Fosse eu um estabanado e puxasse pela lingua cantando-lhes os mandamentos; ai que as familias vivem expostas aos insultos dos capadocios que enchem as ruas!

—Tudo no mundo é assim.

PERGUNTAS INNOCENTES AO SR. FISCAL GERAL.

Porque o Sr. fiscal geral não se importa, que nos açougues, seja vendida por mais do preço annuciado, a carne verde roubada sempre no peso, serapre ordinaria e ordinariamente pessima?!

Porque não multa as ganhadeiras, que vendem peixe podre e fazem do mercado foco de immundice?!

Porque não multa muitas casas de negocios, que faz nojo n'ellas se entrar?!

Porque persegue so e exclusivamente os donos de padarias, obrigando-os á vender pão por um preço, e peso que lhes dará prejuizo, principalmente agora que custa uma barrica de farinha de trigo 32⁰⁰ e 33⁰⁰ rs?!

Estão somente os donos de paderias sujeitos á multas e não os de outras casas de negocios?!

A camara municipal deve providenciar sobre o que se acaba de tratar.

Um padecente.

VARIÉDADES

TRES MULHERES.

Conta o *Correio dos Estados-Unidos*, que um medico americano raptou uma das suas doentes e casou com ella. Accusado de tri-gamia pelos parentes da raptada, defendeu-se do modo seguinte: «Casei tres vezes. O meu primeiro casamento era valido. O segundo é nullo, porque foi contrahido durante a vida de minha primeira mulher. Mas o terceiro é muito legal, visto que minha primeira mulher já morreu e a segunda não é

minha mulher legalmente.» O tribunal não achou nenhum vicio nesta argumentação.

Aconselhando um sujeito a um seu amigo que estava para fazer uma impressão de um livro, que o imprimisse em papel muito grosso; o amigo lhe perguntou, para que lhe dava aquelle conselho? A que o outro respondeu: para acudir mais ao pezo quando se vender aos confeiteiros para embrulhar assucar, o que é a morte dos livros presentemente.

AMOR CONJUGAL.

Ha maridos que sabem, em todas as circumstancias, fazer justiça ás qualidades de suas mulheres.

Uma mulher, tendo sido accusada de ter propinado veneno a outra pessoa, e vendo-se a ponto de ser condemnada, supplicou que fosse ouvido seu marido como testemunha de defeza: deferiram a este requerimento, e o nosso homem foi declarar com a maior sinceridade que a melhor prova da não culpabilidade de sua mulher, era o estar elle ainda vivo: «Estou persuadido, disse elle, que se minha mulher tivesse a menor disposição para envenenar, fosse quem fosse, teria principiado por mim, que ella detesta com todas as veras d'alma ha uns bons dez annos.»

Este testemunho fez rir o juiz, os jurados, e todo o auditorio; e a mulher foi posta em liberdade.

ANNUNCOS

ATTENÇÃO.

Na noite de 27 do corrente, arrombaram pelo quintal e penetraram na casa em que lecciona o professor primario Adelino da Silva e Oliveira, ao largo de Nazareth. Os ladrões levaram 215⁰⁰ rs. em dinheiro, uma imagem do Crucificado guarnecida de prata e um estojo com as iniciais—A. S. O.—Gratifica-se a quem der noticia ou prender os ladrões.

Quem quizer uma senhora viuva, capaz para serviço de casa, ou para zelar meninos, procure no becco do Cruzeiro, n.º 8.

O abaixo assignado faz seiente ao respeitavel publico, com bastante pezar, porem forçado por imperiosas circumstancias, que d'ora em diante não tem parentesco nem relações com o Sr. Geminiano Manoel dos Santos Vital com loja de louça á rua dos Algebés.

Bahia 26 de março de 1869.

Livio Vital.